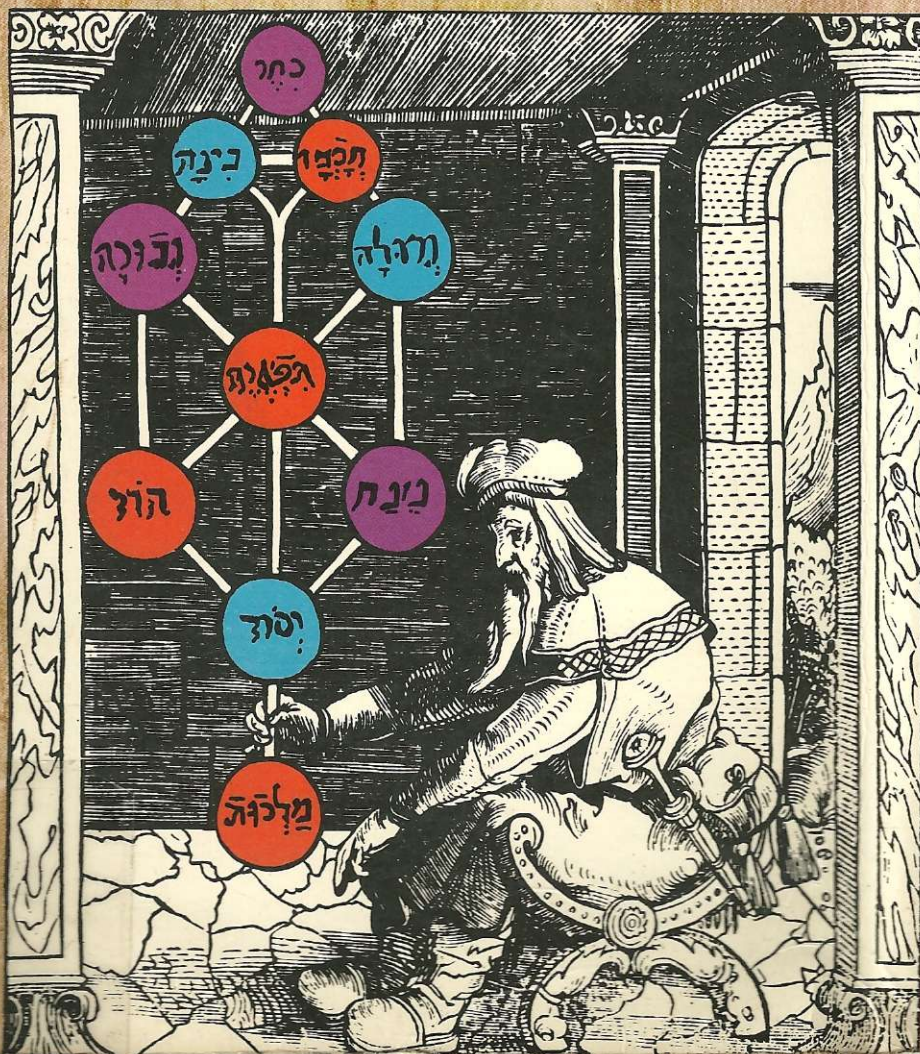


ZOAR

O Livro do Esplendor

Selecionado por GERSHOM SCHOLEM



Fundamentos da CABALA

Selecioneado por
GERSHOM SCHOLEM

ZOAR

O LIVRO DO ESPLENDOR



EDITORA RENES
Rio de Janeiro

ÍNDICE

Introdução	7
----------------------	---

GÊNESE

O Começo	25
O Universo: Concha e Semente	26
A Primeira Luz	27
Criação do Homem	28
Homem e Mulher	31
Fogo Consumidor	34
A Morte	37
Os Três Fios do Espírito	38
O Mais Alto Grau de Fé	39
Meia-noite	40
A Bênção de Jacó	43
Maior do que José	45
O Grande Banquete	46
A Morte de Jacó	52
Um Selo em Teu Coração	61

ÊXODO

Os Dez Sefirot	69
Do Fundo do Abismo	73
Dois Aspectos	73
Sábado	74
Os Amantes da Tora	77
O Destino da Alma	81

Sofrimento de Crianças Inocentes	84
Os Três Aspectos da Alma	85
Servi ao Senhor com Alegria	87
As Estrelas	88
Uma Explicação Alegórica de Jonas.	91

LEVÍTICO - NÚMEROS - DEUTERONÔMIO

Exílio e Redenção.	97
Como Apresentar-se a Deus.	99
Hinos nos Céus.	101
Comunidade Santa	102
O Amor de Deus	103
A Rosa de Saron	104
A Árvore da Vida	105
O Significado Oculto da Tora	106
TEXTOS.	109

INTRODUÇÃO

POSICIONAMENTO HISTÓRICO DO **ZOAR**

O Zoar, a mais importante obra da **Cabala**, permanece de certa forma inacessível e silente, como convém a um trabalho de conhecimento secreto. Nenhuma das grandes produções literárias de nossos escritores medievais exerceu influência parecida ou atingiu êxito similar, embora muitas delas nos pareçam mais esclarecedoras e familiares do que o próprio **Zoar**. Prerrogativa que não lhe pode ser disputada por qualquer outra obra da literatura judaica é a de ter determinado, por longo período de tempo, a formação e o desenvolvimento das convicções religiosas, nos círculos mais eruditos do Judaísmo, particularmente naqueles mais sensíveis à religião. Da maior importância foi ainda o fato de se haver mantido por três séculos, de 1500 a 1800, como fonte de doutrina e de revelação, com a mesma autoridade da **Bíblia** e do **Talmude**, e no mesmo grau canônico. É certo que esse poder brilhante, em seus primórdios, não emanou do "Livro do Brilho" ou, como usualmente o intitulamos em inglês, do "Livro do Esplendor". **O Guia para os Perplexos**, de Maimônides, que sob quase todos os aspectos é a antítese do **Zoar**, influenciou sua época direta e abertamente;

afetou a mente das pessoas desde o momento de sua aparição, levando-as a reações de entusiasmo ou de consternação.

Todavia, dois séculos depois de haver exercido enormíssima influência, começou paulatinamente a perder eficácia, até que desapareceu quase que por completo da consciência das massas. Foi apenas ao final do século XVIII que o iluminismo judaico se destacou novamente, procurando transformar-se, por seu próprio esforço, em força ativa.

Com o **Zoar**, entretanto, os fatos ocorreram diferentemente; ele se impôs a partir de um anonimato e segredo quase que totais. Por mais de cem anos, pouco interessou falar sobre ele; quando surgiu em cena, expressou (e por isso o interesse), os sentimentos de uma classe muito restrita de homens que, em reuniões secretas, descompromissadamente lutavam por encontrar uma nova e mística compreensão do mundo do Judaísmo, e que não percebiam estar este livro em particular, entre todos os que buscavam expressar uma nova visão do mundo, alegórica e simbolicamente, fadado ao sucesso. Entretanto, em breve desapareceu e foi esquecido à sombra do escândalo que se seguiu à sua publicação e aparecimento no mundo literário, o enigma do nascimento ilegítimo de uma falsificação literária.

A influência do **Zoar** cresceu lenta, mas seguramente; e quando grupos que ele havia dominado demonstraram, nas tormentas da história judaica, serem os portadores de uma nova atitude religiosa, que não procurava apenas reivindicar a autoridade, mas a obtinha de fato, então o **Zoar**, num tardio mas extraordinariamente intenso poente da vida nacional, veio cumprir a grande tarefa histórica, como texto sagrado, complementando a **Bíblia** e o **Talmude**, em novo nível de consciência religiosa. Esse caráter de inspiração tem-lhe sido atribuído por numerosos grupos judaicos da Europa Oriental e do

Oriente, até os dias de hoje. Eles não hesitaram em defender a tese final, que havia muito se delineava no reconhecimento de um texto sagrado, isto é, que o efeito desse tipo de trabalho sobre a alma não depende, em suma, do fato de haver sido compreendido.

O esplendor do **Zoar** só declinou quando houve o colapso do estilo de vida e de crença nos quais a **Cabala** se habilitava, como representante de uma força histórica. Posteriormente, na reavaliação do Iluminismo, transformou-se no "livro das mentiras", acusado de obscurecer a luz pura do Judaísmo. Também nesse caso a polêmica reformista apressou-se em se tornar um instrumento do criticismo histórico, que, é preciso que se diga, depois de alguns ensaios promissores se mostrou débil e incerto para conduzir esse programa, assim como o foram muitos de seus métodos e verdades.

Entretanto, o criticismo histórico sobreviverá à breve imortalidade daquele Judaísmo "autêntico", cuja visão da história e cujos valores hierárquicos propiciaram sua elevação. Liberto da polêmica e preocupado com um enfoque mais preciso e direto de sua matéria subjetiva, afirmar-se-á, agora, no novo (e em parte muito antigo) contexto, segundo o qual começamos a ver o mundo judaico e sua história.

CARÁTER LITERÁRIO

O **Zoar**, pela sua fisionomia literária, não parece ter sido idealizado e construído segundo um plano de composição unificado. Tampouco pode ser encarado como uma exposição sistemática da visão do mundo sob o prisma da **Cabala**, como tantas obras que chegaram até nós, originadas no mesmo período ou em épocas ulteriores.

Segundo a cópia que dele dispomos, cópia impressa, trata-se basicamente de uma coleção de tratados e escritos muito diferentes uns dos outros, pela forma que apresentam. Muitas das seções parecem ser interpretações de passagens bíblicas, pequenos depoimentos ou longas homílias, ou também, com frequência, relatos habilmente compostos de toda uma série de homílias, nas quais o Rabino Simeon ben Yohai, famoso professor do século II, e seus amigos e alunos interpretam as palavras das Escrituras de acordo com seu sentido oculto e, além disso, quase sempre em aramaico. Outras seções, que não são, afinal, numerosas, foram preservadas como acontecimentos puramente anônimos ou fatuais, em que não podem ser reconhecidos os cenários paisagísticos e as pessoas, tais como aparecem descritos, com tanto cuidado, em outros pontos do trabalho, inclusive de forma mais dramática. Em inúmeros casos a exposição é enigmaticamente breve, mas muitas vezes as idéias são extensamente apresentadas, com amplidão dogmática e uma efetiva elaboração arquitetônica.

Com efeito, muitas seções aparecem como fragmentos de oráculos e como relatórios de revelações secretas e estão escritas em estilo tão "elevado", entusiasta e solene, que o leitor logo percebe terem elas excedido os limites do bom gosto e caído na afetação e no bombástico. Embora a exposição quase sempre mantenha um tom elevado, impregnado de realismo, encontramos passagens em que a paixão pela associação de idéias é levada a extremos, convertendo-se em um vôo fora da realidade conceitual. Exteriormente, também, muitas partes estão destacadas das outras, sob títulos especiais, mais ou menos como composições independentes, e há uma boa razão para isso.

A parte principal do **Zoar**, ordenada em porções pentatêuticas, pretende ser um antigo **Midrash** e, em

inúmeros detalhes, imita a forma dos antigos trabalhos "midráshicos" dos primeiros séculos da **Igreja da Inglaterra**. No aspecto global, em verdade, rompe com essa concepção e assume forma bastante diferente de um sermão medieval. Essas extensas composições, elaboradas sobre um plano definido, como encontramos no **Zoar**, ao longo de quinze, vinte ou mesmo quarenta páginas, são alheias ao antigo **Midrash**. Aqui, obtém-se um tipo de composição diferente. O mesmo pode-se dizer quanto às partes chamadas **Midrash ha-Neelam** ("Midrash Secreto") e **Sitre Torah** ("Segredos da Tora") que, em grande parte das porções pentatêuticas, especialmente no primeiro livro, proporcionam peças paralelas às "partes principais".

Em realidade, o "Midrash Secreto" tem muito o que relatar sobre Simeon ben Yohai e seu círculo, mas evita, quase que por completo, seqüências de idéias autenticamente místicas e teosóficas. Em lugar disso, apresenta em suas seções mais importantes alegorias radicais sobre as histórias dos patriarcas, como indicativas do destino da alma antes e depois da morte. Tais alegorias revelam claramente sua afinidade com os discursos filosóficos do século XIII. Por outro lado, os "Segredos da Tora", que em sua maior parte foram idealizados sem o uso da forma do **Midrash** ou acréscimo de nomes, representam a transição da alegoria filosófico-escatológica para uma exegese genuinamente mística.

O **Idra Rabba** ("A Grande Assembléia") descreve, em um plano magnificamente construído, a "figura" mística da Divindade, no símbolo do Homem Primitivo, e Simeon ben Yohai trata o mesmo tema, por segunda vez, em um monólogo antes de sua morte, evento mais vividamente descrito no **Idra Zutta** ("A Pequena Assembléia"). "Mishnayot" e "Toseftot", anônimos, pretenderam interpretar oráculos referentes ao mundo e à alma como introduções a

outras longas seções. No **Raya Mehemna** ("O Fiel Pastor"), Moisés e o Rabino Simeon conversam sobre as razões ocultas dos Mandamentos. Novamente o **Tikkunim** dá uma interpretação detalhada da primeira seção do **Pentateuco** e temos, então, mais de dez partes, entre grandes e pequenas, que são, evidentemente, unidades independentes. Assim, não há como negar a incerteza das respostas que dizem respeito à unidade do **Zoar**.

ORIGEM E AUTORIA LITERÁRIA

Embora os diferentes pontos de vista crítico sobre o **Zoar** não possam ser totalmente incluídos no escopo deste trabalho, podemos resumir o atual estado das pesquisas. Heinrich Graetz externou publicamente a opinião mais radical. Declarou ele que o **Zoar** inteiro, sem exceção de parte alguma, era obra do cabalista espanhol Moses de León, que morreu em 1305, e os grandes historiadores indignaram-se com ele, veementemente. A escola de Graetz aniquilou com a reputação de de León face à posteridade, deixando-a em lamentável estado. Em lugar de reconhecer o gênio que deveria ter sido para elaborar o **Zoar**, caso se tratasse de obra de um só homem, Graetz apenas viu nele decepção e charlatanice.

Em contraste com essa opinião, o **Zoar** foi encarado, sobretudo na geração anterior, como um trabalho inteiramente sem unidade, ou seja, como algo desenvolvido anonimamente, ao longo do tempo, e no qual as mais distintas e por vezes contraditórias forças do movimento cabalístico encontraram campo de expressão. Em todo caso, nessa opinião, Moses de León foi visto como o redator de antigos escritos e fragmentos, aos quais talvez tenha acrescentado algo de seu.

Hoje, acha-se bastante difundida a teoria que afirma ter o **Zoar** preservado fontes "primitivas" e documentos, embora numa forma confessadamente revisada. Assim, o **Zoar** (e sem dúvida foi isto o que contribuiu para tornar essa opinião tão atraente, embora careça de qualquer fundamento) seria, realmente, até mesmo em seus primórdios, um repositório do espírito folclórico e, tal como a **Bíblia** e o **Talrnude**, o trabalho anônimo de séculos.

E podemos tomar como testemunho da duradoura influência da escola de Ahad Haam o fato de que a absoluta falta de provas que sustentem essa teoria — e a seu favor não foi encontrada nem sombra de evidência filológica ou crítica — não impediu seriamente a sua disseminação. O que é plausível não necessita ser demonstrado.

Todas as tentativas para estabelecer, mediante um critério exato, que determinados trechos e partes do **Zoar** se situam em época anterior a meados do século XIII demonstraram ser uma nova evidência do oposto. O próprio autor desse trabalho passou por essa experiência; após muitos anos de análises, encontrou a prova inequívoca, que pouco correspondia às suas expectativas iniciais, refutando-as tão completamente, que ele ousa determinar, com absoluta segurança, as seguintes conclusões.

O **Zoar** é, em seu âmago, um único livro, embora não da forma imaginada por Graetz. Em suas várias partes não há extrato ou material antigo do místico Midrashim que não seja por nós conhecido; ao contrário, tais partes foram concebidas por seus autores exatamente como publicadas. Entretanto, muitas delas estão faltando; os manuscritos desapareceram no início do século XIV. A maior parte do texto impresso encontra-se fora de ordem, enquanto que o texto manuscrito se acha corretamente ordenado. Finalmente, mais tarde, no século XIV, alguns pequenos textos foram acrescentados. As partes se-

paradas não mantêm relação com um número correspondente de extratos ou autores, mas a literatura do **Zoar** baseia-se em três extratos, que são, em suas unidades predominantes;

1) **Midrash ha-Neelam**

2) A parte principal do **Zoar**, com o **Idra Rabba**, **Idra Zutta**, **Sitre Torah** e a maioria dos estudos menores.

3) **Raya Mehemna** e o assim chamado **Tikkune Zohar**, ambos de um único autor.

Com certeza, o autor do terceiro extrato, apesar de todos os seus esforços para citar e imitar seu predecessor, não criou os dois anteriores. As evidências disso são numerosas: as características de lingüística desse terceiro, suas fortes tendências apocalípticas, sua construção complexa e o costume de usar as fontes. Poder-se-ia propor a inusitada tese de estar-se manipulando o trabalho do autor principal, quando já em idade provecta e em decadência. Teria, assim, perdido a habilidade de outrora e, por isso, imitar-se-ia a si próprio. Contudo, a independência que sobressai do livro **Tikkunim** torna essa tese insustentável. Esse último grupo de escritos foi composto por volta de 1300.

Por outro lado, os dois primeiros extratos foram, provavelmente, escritos por um único autor, que desenvolveu o segundo claramente a partir do primeiro. Portanto, seria mera presunção atribuir uma quebra de identidade ao responsável pela produção total. **O Midrash Secreto**, que foi até então considerado, habitualmente, o trecho final do trabalho, em razão não só do livre uso da terminologia filosófica, como também pelo emprego parcial da linguagem hebraica, é provavelmente sua parte inicial.

Percebe-se, no entanto, por trás de tudo aquilo, a vivida personalidade de um místico que se iniciou

com a educação filosófica e talmúdica de seu tempo e deixou-se envolver profundamente pelas idéias misteriosas e gnósticas da **Cabala**, abdicando, por fim, de qualquer interesse filosófico e desenvolvendo, em troca, um gênio francamente notável para a homilia mística.

De fato, passou-se meio milênio para que a literatura judaica se mostrasse outra vez capaz de semelhante empreendimento. Assim, o autor **das** mais expressivas partes do **Zoar** não se nos apresenta como um simples redator ou pesquisador do anônimo, mas como um gênio da dissertação religiosa. A **Cabala**, tal como se desenvolveu em época anterior à dele, converteu-se em seu lar espiritual, e ele, com inesperado e impressionante poder, lapidou-a, partindo dos textos das Escrituras e dos temas hagádicos do **Midrash**.

Seu universo ideal e conceitual não era recente, mas suas fontes místicas eram, sem sombra de dúvida, esquecidos e apócrifos volumes de séculos indefinidos. Eram a literatura da **Cabala**, à época de Moisés ben Nahman (1195 — 1270) e de seus discípulos, uma literatura que foi, em grande parte, preservada e hoje é bastante conhecida. A construção do mundo místico do autor do **Zoar** nos revela, com grande precisão, o período, durante o desenvolvimento da **Cabala**, em que ele pode ser corretamente situado; paralelamente, há toda uma série de critérios lingüísticos e fatuais, independentes entre si, que indicam, exatamente, o mesmo período. Essas partes mais importantes do **Zoar** foram escritas por volta de 1280, na Espanha, por um cabalista que não conhecia a Palestina. O aspecto formal, estilístico e literário indica um autor que deve ter vivido intensamente sua conversão ao cabalismo. Apesar de todos os disfarces utilizados, a forma intrínseca e o estilo pessoal são sempre idênticos.

Mas, como comentar esses disfarces? O que pensar dessa paisagem galiléia que se dissolve na irrealidade, do Rabino Simeon ben Yohai, de sua família e amigos, e de todas as outras armadilhas criadas por um profundo conhecedor do **Midrash**, que parecem deleitar o autor, como se ele se divertisse com o jogo da fantasia? Esse engolfar-se na pseudonímia e nos cenários românticos provocou, literalmente, grande rebuliço entre os críticos do⁴ século XIX — severos ataques e condenações moralistas, aliados a uma apologética circunspecta e por vezes clamorosa — o que, hoje, nos parece exagerado. Sempre se soube que falsificações literárias representam um mergulho no anonimato e na pseudonímia e, frequentemente, indicam falcatuas; não foi gratuitamente que absorvemos o estrangeirismo "pseudoepígrafo" como um termo destituído da censura moralista que envolve a palavra inglesa "forgery" (falsificação), para designar, precisamente, uma legítima categoria de literatura religiosa. A literatura mística, possivelmente estudada pelo autor do *Zoar*, era formada, em grande parte, por pseudoepígrafos primitivos.

Nem mesmo estamos certos de que o autor, que maneja com virtuosismo a técnica da pseudoepígrafia, permitindo a seus personagens a invenção de títulos de livros e citações, tenha levado a sério a forma literária dos pseudoepígrafos cabalísticos. Certamente, em toda uma série de imitações do **Zoar**, surgidas durante os cem anos subseqüentes à sua publicação, se evidencia que os autores jamais confundiram o simulado com o real. A simulação funcionou como uma forma oportuna para ocultar o nome de um autor, possuidor de conhecimentos secretos, por trás de sua obra; e se a estrutura é, às vezes, intencionalmente superenfeitada ou, talvez, negligente — e o **Zoar** é o mais expressivo exemplo desse apego à simulação, embora não seja o único

na literatura judaica — ainda assim trata-se, apenas, de um detalhe. Somente bem mais tarde esses fatos foram cruamente imaginados, quando o disfarce se transformou em realidade histórica.

O autor do Zoar fez uso jocoso desse estratagemma, e isso se demonstra em outros pequenos trabalhos pseudoepigráficos de sua autoria. Um deles, conhecido como "O Testamento do Rabino Eliezer, o Grande", transformou-se em obra de grande circulação entre os livros folclóricos judaicos, embora sua origem real tenha sido, geralmente, irreconhecível. Na verdade, Graetz nos apresenta Moses de Leon como o forjador do Zoar, movido pela ganância, no afã de extrair proveito dos ingênuos ricos, quando as obras de sua própria autoria deixaram de lhe fornecer ganhos suficientes. Ainda que provas conclusivas não demonstrassem datar a maior parte do Zoar de antes de 1286, ano em que Moses de Leon escreveu-o primeiro livro de sua autoria, inteiramente baseado no Zoar, esse personagem de romance, um embusteiro astuto, seria inaceitável para o criticismo histórico. É evidente que tudo isso não exclui a possibilidade de que ele tenha escrito o Zoar antes de 1286.

Mas, seria Moses de Leon, de fato, o autor verdadeiro do Zoar, como até mesmo seus contemporâneos suspeitavam? Atualmente podemos afirmar, com razoável exatidão filosófica, que Moses de Leon deve ser considerado o autor do livro. Realmente, embora muitas evidências anteriores tenham sido refutadas, surgiu uma prova, inteiramente nova, que evidencia a autoria de Moses de Leon. Ele possuía o original e o lançou à circulação de 1280 em diante; um conterrâneo seu, Isaac ibn Sahula, de Guadalajara, leu o "Midrash Secreto" em 1281.

A partir de 1286, Moses de Leon passou a compor seus "próprios" escritos, em número considerável. Essas obras revelam um autor que vive e se lo-

comove inteiramente no mundo específico do **Zoar** e não meramente no universo genérico da **Cabala** contemporânea. Portanto, vemo-nos forçados ou a afirmar que ele se rendeu à forte personalidade do autor desconhecido, a ponto de lhe imprimir o seu traço pessoal, ou a dizer que ele próprio é o autor. Esse último ponto de vista tem a corroborá-lo uma notável indicação cronológica. Até recentemente se desconhecia a idade com que Moses de Leon havia começado a escrever; tampouco sabíamos como encaixar em sua "pré-história" (antes que começasse a escrever sob seu próprio nome) esses dez ou vinte anos, empregados na concepção de um trabalho com a qualidade dos dois primeiros extratos do **Zoar**. Mas, antes da 1.^a Guerra Mundial, encontrou-se em Moscou um manuscrito que, por estranha coincidência, era um dos "Guias dos Perplexos" de Maimônides, escrito por Moses de Leon, em 1264. Esses "vagos" vinte anos (de 1264 a 1286) que precederam a sua aparição pública ajustam-se muito bem ao período de origem do **Zoar**, estabelecido mediante conexões e critérios diversos.

A linha de pensamento que se estende da leitura do "Guia dos Perplexos" ao misticismo escatológico do "Livro da Alma Racional", obra de Moses de Leon, não seria a mesma que corresponde ao desenvolvimento interior do autor do **Zoar**, que passa da alegoria semifilosófica para a interpretação místico-teosófica das Escrituras? Podemos afirmar, com certeza, que não podemos atribuir a nenhum outro cabalista espanhol desse período, que nos seja conhecido e nos apresente um traço espiritual individual, a possível autoria do **Zoar**. Nem Abraham Abulafia, nem Moses de Burgos, nem Jacó de Segóvia, nem José Gikatila mostram esse traço inconfundível. E todos os que relutam em acreditar no Grande Desconhecido, que com tanto êxito se esquivou a todas as tentativas de cópia, devem aceitar Moses de Leon,

caso pretendam obter êxito na reconstrução de uma das mais significativas e marcantes figuras da história religiosa judaica.

A propósito da linguagem do Zoar, há um importante fator de influência. A nuance claro-escuro do Zoar aramaico revestiu-se de uma pátina respeitável e de um lustre de idéias de entusiasmo reprimidas que, se tivessem sido veiculadas no sóbrio hebraico do século XIII, teriam que expressar-se por si mesmas. Da forma como foram apresentadas, pode-se dizer que encontraram sua língua mãe. Para o especialista, essa realização lingüística é admirável: através de suas páginas, mostra o manejo do aramaico pelo ordenamento das palavras, pela sintaxe e pela terminologia. É todavia mais admirável se considerarmos a pobreza e a simplicidade do vocabulário aramaico do autor.

A leitura de trinta páginas do original dá-nos um razoável domínio da linguagem empregada na obra e nos maravilhamos ao verificar como foi possível expressar tanto, com tanta eficiência, dispondo de tão poucos recursos. É freqüente que a compreensão exata de uma passagem do Zoar dependa de uma tradução, para o hebraico, da Cabala contemporânea. É nos escritos de Moses de Leon, mais do que em quaisquer outros, que encontramos a chave da compreensão de diversas passagens. Conceitos místicos expressam-se arbitrariamente, pela formação de novas palavras, muitas vezes corruptelas de vocábulos talmúdicos, que aparecem em manuscritos medievais.

DA SELEÇÃO PARA ESSE VOLUME

Pareceria apenas presunção oferecer uma seleção de um trabalho da envergadura do Zoar. É di-

fácil focalizar brevemente toda a riqueza de seu conteúdo, a plenitude das idéias inerentes ao original. Com efeito, nenhuma seleção pode assumir o encargo de delinear a doutrina mística do Zoar. Tal apresentação — se de todo compatível com a breve extensão do volume — requereria uma coleção de notas explicativas e de comentários tão ampla como o corpo do texto.

O que pretendo apresentar nas páginas seguintes é uma seqüência de passagens que despertarão o interesse do leitor pelas cores com que a vida da alma é pintada, pela curiosa pungência da exegese bíblica, pelo paradoxo sincero dos pensamentos expostos.

Todas as passagens selecionadas — algumas apresentadas condensadamente — têm em comum o apelo direto à imaginação e à fantasia do leitor, apelo que independe da interpretação técnica e simbólica das associações que abundam nos textos. Algumas explicações, de todo indispensáveis, aparecem como notas ao pé da página. Contudo, no conjunto, atrevo-me a dizer que o leitor interessado irá, sem dúvida, refletir, a sós, sobre os símbolos e imagens, à medida que forem aparecendo. Foi dessa forma que o Zoar logrou atingir extensos círculos de leitores, através dos tempos. Pouco importa que a conotação desse ou daquele símbolo esteja ou não apropriadamente reconhecida.

De acordo com o exposto, selecionei tais passagens como um fecho de luz sobre os conceitos místicos a respeito de Deus, bem como de vários estágios de Sua manifestação e sobre o conceito de alma, seu grau e destino, tais como ensinados pelo Zoar. Em inúmeros casos, uma passagem é esclarecida por outra.

Não considerei necessário organizar o volume obedecendo a critérios de temas ou tópicos. Tal organização não me pareceu recomendável, uma vez que

todas as passagens selecionadas estão estreitamente inter-relacionadas. Assim, senti que seria mais adequado obedecer, no conjunto, à mesma seqüência do texto original do Zoar.

Esse pequeno volume terá alcançado seus objetivos se transmitir ao leitor alguma noção do poder da fantasia contemplativa e da imaginação criadora que se escondem no pensamento obscuro e decoroso dos cabalistas.

G. G. S.

GÊNESE

O COMEÇO

"No princípio" (Gên., 1,1) — quando a vontade do Rei se efetivou, ele gravou sinais na esfera celestial (que o circundava). No mais profundo âmago brotou uma chama escura, saída do mistério do "eyn sof", o Infinito, tal como um nevoeiro formado pelo informe, encerrado no anel daquela esfera, nem branco, nem preto, nem vermelho, nem verde: ausente de cor. Quando essa chama começou a ganhar forma e dimensão, explodiu em cores radiantes. Do seu íntimo emergiu um manancial, de onde brotaram as cores, que se difundiram por tudo o que estava abaixo, oculto no misterioso esconderijo do "eyn sof".

O manancial rompeu-se, sem contudo extravasar pelo éter (da esfera); não poderia ser, em absoluto, reconhecido, até que se evidenciasse, sob o impacto da ruptura final, um ponto celeste, escondido.¹

Nada conhecemos antes desse ponto, por isso chama-se "reshit", começo — o mundo foi criado a partir do significado dessa primeira palavra (dediz).

O UNIVERSO: CONCHA E SEMENTE

Quando o Rei Salomão "penetrou no âmago do jardim das nozes", conforme está escrito, "Desci ao

¹ O Zoar identifica esse ponto primordial como o desejo de Deus (hokhmah), o pensamento ideal da Criação.

jardim das nozes" (Cânt., 6,2), apanhou uma casca de noz e começou a estudá-la. Observou, então, que existia uma analogia entre as camadas da casca de noz e os espíritos que geram os desejos sensuais nos homens, como está escrito, "e as delícias dos filhos dos homens (provêm) dos demônios masculinos e femininos" (Eccl., 2,8).

O Sagrado sentiu que, para assegurar a Permanência, era necessário pôr todas essas coisas no mundo, metaforicamente falando, sob a forma de um cérebro, rodeado por numerosas membranas. Do núcleo místico primitivo à mais exterior de todas as camadas, esse princípio orienta a organização tanto do mundo superior como a do mundo inferior. Tudo serve como invólucro: cérebro dentro de cérebro, espírito dentro de espírito, concha dentro de concha.

O centro primordial, mais translúcido, sutil e puro do que poderíamos imaginar, é a luz interior que, ampliada, se transformou em "palácio", agindo como um muro protetor do centro. Essa luz apresenta uma transparência radiante.

A cobertura exterior do palácio, que impede que se conheça o ponto interior, possui um brilho do qual desconhecemos a essência; não obstante, é bem menos tênue e translúcido do que o centro primordial. As camadas se sucedem, do exterior para o centro, cada uma delas constituindo-se em veste para a anterior, a exemplo das membranas do cérebro. Conquanto sejam, de início, membranas, cada uma dessas vestes se transforma em cérebro em relação às vestes subseqüentes.

Na relação descendente, esse processo desenvolve-se similarmente, e assim o homem, no mundo, combina cérebro e membrana, espírito e matéria, visando à mais perfeita ordenação do universo.

A lua era brilhante, enquanto esteve conjuminada com o Sol; mas quando dele se separou, pas-

sando a ter vida própria, tanto sua posição como a sua luz se viram reduzidas. Modelou-se concha após concha, com a intenção de cobrir o cérebro, e tudo isso assim sucedeu para o seu bem.

A PRIMEIRA LUZ

"E Deus disse: Faça-se a luz, e a luz foi feita" (Gên., 1,3). Essa é a luz primeira, feita por Deus; é a luz do olho. Deus mostrou essa luz a Adão e, por seu intermédio, ele foi capaz de ver o mundo, do princípio ao fim. Deus mostrou essa luz a Davi e esse, ao observá-la, começou a louvá-Lo, dizendo: "Ó, quão abundante é Tua benevolência, a qual Tu tens armazenada para aqueles que Te temem" (Sal., 31,20). Através dessa luz, Deus revelou a Moisés a terra de Israel, de Gilead a Dan.

Prevendo o aparecimento de três gerações de pecadores — a geração de Enoque, a do Dilúvio e a da Torre de Babel — Deus retirou sua alegria da luz. Depois, deu-a à mãe de Moisés, quando ela ainda o mantinha escondido, durante os três meses subseqüentes ao seu nascimento. Quando, mais tarde, Moisés foi levado à presença do Faraó, Deus retirou-lhe a luz e só a devolveu quando ele subiu ao Monte Sinai para receber a Tora. Moisés conservou-a; então, até o fim de sua vida e por essa razão os israelitas não podiam dele se aproximar, sem que ele cobrisse o rosto com um véu (Êxod., 34,33).

"Faça-se a luz, e a luz foi feita" (Gên., 1,3). Sempre que pudermos aplicar a uma coisa a palavra "vayehi" (houve), essa coisa existe tanto nesse mundo como naquele que há de vir.

O Rabino Isaac disse: Na Criação, Deus iluminou o mundo com essa luz, do princípio até o fim.

Depois, em razão dos inúmeros pecados, Deus a retirou, privando os homens de sua alegria, mas a conservou para os justos, como está escrito: "A luz se propagará para os justos" (Sal., 97,11). Então, os universos se harmonizarão e tudo estará unido; porém, até que se estabeleça esse mundo futuro, a luz permanecerá afastada e escondida. Essa luz surgiu da escuridão, que fora criada pelo esforço do Mais Secreto. Assim como a Luz, que estava escondida em algum recanto secreto, criaram-se as trevas do mundo inferior, às quais a luz pertence. Essa escuridão inferior é denominada "noite", no versículo: "e à escuridão Ele chamou noite" (Gên., 1,5).

CRIAÇÃO DO HOMEM

O Rabino Simeão levantou-se e disse: "Pela meditação, percebi que, quando Deus estava em vias de criar o homem, todas as criaturas, tanto as superiores como as inferiores, começaram a tremer. Transcorria o sexto dia quando, finalmente, foi tomada a divina decisão. Então, houve a difusão de todas as espécies de luz e abriu-se o portão do Este, por onde ela penetrou. Com a luz que lhe fora conferida no começo, o Sul manifestou-se, em toda sua glória, e agarrou o Este; o Este, então, agarrou o Norte que, despertando, espreguiçou-se e chamou o Oeste para que viesse ao seu encontro. O Oeste então viajou rumo ao Norte e ambos se uniram. Em seguida, o Sul uniu-se ao Oeste e Norte e Sul rodearam o Jardim e formaram uma cerca. Então, o Este aproximou-se do Oeste que, arrebatado de felicidade, disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gên., 1,26), para que, como nós, abrace os quatro quadrantes e tudo o que for superior e infe-

rior. Depois disso, o Este e o Oeste se uniram e fizeram o homem. É esta a razão pela qual nossos sábios dizem que o homem brotou do lugar do Templo.

Adiante, encontramos a seguinte citação: "Façamos o homem", significando: o inferior. Mas, derivando do mundo superior, Deus desvendou o segredo da formação do divino nome de Adão, que encerra o superior e o inferior, contidos na força de suas três letras: "alef", "dalet" e "mem" final. A união das três letras redundou no nome de Adão, em sua forma completa, reunindo homem e mulher. A mulher foi fixada do lado do homem e, então, Deus fez com que o homem adormecesse profundamente e se deitasse no lugar do Templo. Então, retirou do homem a mulher, por meio de um corte, e a enfeitou como a uma noiva e entregou-a ao homem, como está escrito: "E Ele tirou uma de suas costelas e cobriu o lugar com carne" (Gên., 2,21).

Nos livros antigos aparece a palavra "alguém", empregada para significar "uma mulher", ou seja, a Lilith original, que se deitou com Adão e dele foi concebida. Mas, até aquela ocasião, ela não lhe servia para nada, conforme está escrito: "Mas, para Adão não foi encontrada ajuda" (Gên., 2,20). Assim, na verdade, Adão foi o último, pois deveria encontrar o mundo já completo, quando surgisse.

"Ainda não havia qualquer arbusto sobre a terra" (Gên., 2,5); a partir dessa citação, o Rabino Simeão continuou:

Essa alusão se refere às magníficas árvores que mais tarde cresceram, mas que àquela época ainda eram muito pequenas. Como dissemos, Adão e Eva foram criados lado a lado. E por que não face a face? A razão encontra-se na desarmonia que ainda existia entre o céu e a terra. "O Senhor Deus ainda não tinha feito chover sobre a terra" (Gên., 2,5). Quando a união inferior se tornou perfeita, Adão e Eva olha-

ram-se face a face e, então, a união superior fez-se perfeita.

Sabemos de tudo isso pelo Tabernáculo, pois aprendemos que, junto com ele, foi colocado outro Tabernáculo. Entretanto, o superior não foi construído enquanto não se erigiu o inferior, o mesmo ocorrendo com Adão e Eva. Além disso, como o que estava em posição superior ainda não havia sido perfeitamente ordenado, Adão e Eva não poderiam ser criados face a face. Os versículos das Escrituras apoiam essa afirmação, pois está escrito: "Pois o Senhor Deus não fez chover sobre a terra" e, em seguida, dizem: "não havia o homem para cultivar a terra" (ibid), o que significa que o homem ainda era imperfeito. O homem só atinge a perfeição quando Eva é concebida, perfeita. Na palavra "vayisgor" (e ele fechou) encontramos outra prova do que foi acima afirmado. Nessa passagem aparece, pela primeira vez, a expressão "samekh", que significa "sustentar", para expressar que, agora, homem e mulher se auxiliavam mutuamente. Analogamente, o mundo inferior e o superior auxiliavam um ao outro. O mundo superior foi imperfeito até que o inferior atingisse a perfeição. Quando o mundo inferior foi capaz de auxiliar o superior, encarando-o face a face, então o universo concluiu-se. Mas, antes que isso acontecesse: "O Senhor não deixou que chovesse sobre a terra".

Então, "subiu da terra um vapor" (Gên., 2,6), para eliminar essa deficiência, "umedecendo toda a superfície do solo" (ibid); esse vapor nascente é o despertar da mulher, a partir do homem. Outra interpretação sugere que retiremos a palavra "não" do primeiro versículo e a empreguemos no segundo, junto com a palavra "vapor". Nesse caso, a interpretação sugeriria que Deus não fez chover por não se ter elevado da terra vapor suficiente para a formação de nuvens. Isso demonstra que o impulso que

move a força superior deve vir do inferior. Assim também a fumaça dos sacrifícios gera a harmonia e união de todos, completando a esfera celeste. Todos os movimentos partem do plano inferior e, em seguida, tudo se torna perfeito. O Altíssimo não se moveu na direção da comunidade de Israel, enquanto essa não deu o impulso inicial. Foi com o despertar do mundo inferior que se deu o acabamento do mundo superior.

HOMEM E MULHER

Certa ocasião, o Rabino Simeão dirigiu-se a Tiberias e com ele estavam o Rabino Yose, o Rabino Judá e o Rabino Hiyya. No caminho, veio ao seu encontro o Rabino Finéias. Tendo desmontado, sentaram-se sob uma árvore, no sopé da montanha. O Rabino Finéias, então, disse-lhe: Enquanto estamos aqui sentados, gostaria de ouvir algumas das maravilhosas idéias que são diariamente expostas em seus discursos.

Então, o Rabino Simeão começou a dissertar a partir do seguinte texto: "E ele prosseguiu suas jornadas, do Sul até Beth-el, ao local onde, uma vez, logo no princípio, estivera sua tenda, entre Beth-el e Ai" (Gên., 13,3). E disse: Aqui deveríamos encontrar a palavra "jornada" no singular; no entanto, está empregada no plural. Isso significa que a Divina Presença o escoltava em sua caminhada. Cabe ao homem ser "homem e mulher" simultaneamente para que sua Fé permaneça estável e a Presença nunca o abandone. Você me perguntará: Como pode um homem, obrigado por uma caminhada a afastar-se de sua esposa, continuar a ser "homem e mulher"? Esse homem, antes de partir, enquanto ainda

é "homem e mulher", deverá rezar a Deus, pedindo-Lhe que nele mantenha viva a presença de Seu Mestre. Depois de rezar e dar graças, e enquanto a Presença nele descansa, deverá partir, pois pela graça da união com a Presença ele será, no campo, tão "homem e mulher" como o era na cidade, porque está escrito: "A justiça ("zedek", feminino de "zaddik") caminhará diante dele e a Salvação lhe seguirá os passos" (Sal., 85,14).

Lembre-se sempre que durante a sua caminhada um homem deve cuidar de seus atos, para não romper a sagrada aliança e tornar-se imperfeito, privado da união com a mulher. O que era necessário quando ele e a esposa estavam juntos, será ainda mais preciso quando o Companheiro divino estiver com ele. E mais ainda, já que essa aliança divina age como proteção enquanto durar a caminhada, até a volta ao lar. Quando aí chega, deve dar prazer à esposa, pois foi por intermédio dela que ele obteve a aliança.

A coabitação se justifica por duas razões: em primeiro lugar, esse prazer é religioso, causando alegria à Divina Presença e sendo um instrumento de paz para o mundo, conforme está escrito: "Dentro de tua tenda, conhecerás a paz, visitarás tuas terras, onde nada faltará" (Jó, 5,24). Poderíamos indagar: É pecado falhar com a esposa? Sim, é um pecado, pois a sua falha diminui a honra dada pelo Companheiro Divino, honra que lhe foi concedida por causa de sua esposa. Em segundo lugar, a esposa deve conceber e o parceiro celestial conferirá à criança uma alma santa. Esse pacto é denominado Pacto do Altíssimo e deve ser abençoado.

Como consequência, o homem deveria estar tão ansioso por desfrutar dessa alegria, como da proporcionada pelo Sabá, em cuja oportunidade se consuma a união entre os sábios e suas esposas. Assim, "saberás que tua tenda está em paz", pois a Presença

o acompanha e se hospeda em sua casa e, por esse motivo, "visitarás tua habitação e não pecarás"; alegremente consumarás o dever religioso de manter relações conjugais diante da Presença.

Por essa razão, os estudantes da **Tora**, que se conservam afastados de suas esposas durante seis dias por semana, nos quais se dedicam aos estudos, estão ligados ao Companheiro Celeste a fim de permanecerem "homem e mulher". Quando chega o Sabá, é dever deles alegrar as esposas, tanto para honrar a união celeste, como para atender a vontade do Mestre, como já foi dito.

Assim, também, quando a esposa está em seus dias impuros e o homem deve aguardá-la, passa o tempo da separação junto ao Companheiro Celeste e continua sendo "homem e mulher". Quando a esposa se purificou, o homem tem o dever de regozijá-la, no alegre cumprimento de uma obrigação religiosa. Todas as razões por nós apresentadas aplicam-se a esse caso.

De acordo com a doutrina secreta, os místicos estão obrigados a entregar sua mente e seus propósitos ao Único (o **Shekhinah**). Pode-se argumentar, à luz de outras informações, que a caminhada honra mais ao homem do que a sua permanência em casa, já que durante a jornada o Companheiro Celeste o acompanha. Mas isso não é verdade. Na intimidade do lar, a esposa é o baluarte da casa do homem, já que a Presença aí permanece devido aos méritos dela.

Nossos mestres interpretaram o versículo "e Isaac introduziu Rebeca na tenda de Sara, sua mãe" • (Gên., 24,67), como significando que a Divina Presença veio à casa de Isaac por meio de Rebeca. De acordo com a doutrina secreta, a Mãe Celeste só acompanha o homem quando a casa está em silêncio e no preciso instante em que homem e mulher coabi-

tam. Nessa hora, as bênçãos da Mãe Celeste se deram sobre eles.

Analogamente, a mãe inferior encontra-se com o homem quando a casa está em silêncio e o homem procura a mulher e há o encontro carnal; então, as bênçãos da mãe inferior se derramam sobre eles.

Por conseguinte, podemos dizer que no lar duas mulheres, a mãe e a esposa, cercam o homem, tal como ocorre com o Homem superior. Há referência a esse fato no versículo: "Até (junto com) o desejo dos montes eternos" (Gên., 49,26). O "junto com" é o objeto desejado dos "montes eternos", pelo qual se representa a fêmea suprema, que estará pronta para ele, tornando-o bem-aventurado e abençoando-o, bem como à fêmea inferior, que está pronta para unir-se a ele e ser por ele auxiliada.

Assim, para o mundo inferior, o "desejo dos montes eternos" é, para o homem casado, a bem-aventurança que ele recebe de duas mulheres: a do mundo superior e a do mundo inferior. A mulher do mundo superior lança sobre ele a sua bênção e a do mundo inferior é por ele auxiliada e a ele se une. Assim ocorre ao homem, quando ele está na intimidade de seu lar; mas, quando sai de viagem, embora a Mãe superior esteja ainda com ele, a esposa inferior fica em casa. Ao regressar de sua jornada, o homem deve, então, cumprir com o necessário para restabelecer o círculo formado por essas duas fêmeas, conforme já explicamos.

FOGO CONSUMIDOR

O Rabino Simeão disse: Em certo lugar está escrito "porque o Senhor vosso Deus é um fogo devorador" (Deut., 4,24) e em outro "mas vós, que estais unidos ao Senhor vosso Deus, estais hoje todos vi-

vos" (Deut., 4,4). Os companheiros já discutiram a aparente incongruência que existe entre esses dois trechos, mas quero apresentar outra interpretação.

Os companheiros afirmaram que existe uma espécie de fogo, mais forte que qualquer outro, que devora e aniquila os demais. Fiéis a esse pensamento, podemos dizer que aquele que se preocupa em penetrar o mistério da sagrada unidade de Deus deve julgar essa chama como a proveniente de um carvão incandescente ou de uma vela;

A chama origina-se, sempre, de uma substância material. Na própria chama podemos distinguir duas luzes: uma, branca e brilhante, a outra, negra ou azul. Dessas duas, a branca é a mais alta e a que brilha sem esmorecer. Ela repousa sobre a luz azul ou negra que se encontra logo abaixo. Ambas acham-se unidas, sendo que a branca repousa sobre o trono da negra. Por outro lado, a base da azul ou negra está ligada a um elemento, colocado abaixo dela, que a alimenta e faz com que se junte à luz branca. Algumas vezes, essa luz azul ou negra torna-se vermelha; mas a luz de cima, essa permanece sempre branca. Essa luz inferior, ora azul, ora negra, ora vermelha, serve como elemento de ligação entre a luz branca, que lhe está por cima, e a substância material que lhe está por baixo, que a limita e serve de elemento combustível. Essa luz inferior é, essencialmente, um instrumento de destruição e morte, devorando tudo o que dela se aproxime. Contudo, a luz branca, superior, nada consome, nada destrói, não opera mudança alguma.

Por essa razão, Moisés disse: "Porque o Senhor vosso Deus é um fogo devorador" (Deut., 4,24), devorando realmente tudo o que está abaixo dele; por isso, também, disse: "vosso Deus" e não "nosso Deus", já que ele, Moisés, permaneceu com a luz divina, que não devora nem consome.

É preciso observar que é Israel, sozinho, quem impele a luz azul a manter-se acesa e unida à luz branca. É Israel que, desde baixo, se apega à luz azul; e, embora seja de sua natureza destruir tudo o que lhe seja inferior, a luz azul ou negra poupa Israel, pois está escrito: "Mas vós, que estais unidos ao Senhor vosso Deus, estais hoje todos vivos". Vosso Deus, e não nosso Deus, significando que, embora a chama azul ou negra devore e aniquile tudo o que, vindo de baixo, se una a ela, ainda assim eles estão unidos e sobrevivem.

Acima da luz branca, englobando-a de forma apenas perceptível, há outra luz, que simboliza a essência suprema, os mistérios sublimes da sabedoria.

Terminada a exposição, o Rabino Finéias dirigiu-se a ele, beijou-o e disse: Bendito seja Deus, que me guiou até aqui. E seguiram viagem com o Rabino Finéias, acompanhando-o ainda por três milhas. Quando voltaram, o Rabino Simeão falou: A descrição que lhes dei pode ser tomada como um símbolo da unidade sagrada de Deus. No nome sagrado YHVH,¹ a segunda letra, "H", (hé), é a luz negra ou azul, ligada às letras "yod", "hé", "vav", que constituem a luminosa luz branca. Mas tempos virão em que a luz azul não mais será "hé", mas "dalet", que significa pobreza. Assim, quando falhar a união de Israel com ela, ocasionando, como consequência, a sua permanente separação da luz branca, a luz azul será "dalet"; mas, quando Israel fizer com que a azul se una à branca, então se converterá em "hé". Quando o homem e a mulher se separam, apaga-se o "hé" e sobra apenas o "dalet" (pobreza). Mas se

¹ As quatro letras do nome de Deus representam quatro estágios de qualquer manifestação divina em desenvolvimento.

a união é perfeita, o "hé" se junta à luz branca; Israel une-se ao "hé", fortalece sua própria luz e escapa à destruição.

Eis aí o mistério do sacrifício; a fumaça em ascensão incendeia a luz azul que, então, se une à branca. Assim, a vela inteira estará completamente acesa, com uma única chama. Sendo da natureza da azul destruir tudo o que lhe venha de baixo, se o sacrifício foi aceito e a vela completamente acesa, então, como disse Elias, "o fogo do Senhor baixou do céu e consumiu o holocausto" (I Reis, 18,38). Com isso se demonstra que a corrente foi perfeita, pois a luz azul se une à branca, consumindo simultaneamente a gordura e a carne do holocausto realizado em plano inferior a ela. Não havendo mais nada a ser consumido, eleva-se e junta-se à luz branca. Nessa oportunidade, a paz reina em todos os mundos e, juntos, eles constituem a unidade.

Quando a luz azul já consumiu tudo o que estava por baixo, os sacerdotes, os levitas e os leigos, congregados em sua base, entoam cânticos, meditações e preces, enquanto brilham as lâmpadas e as luzes se fundem em uma só unidade, com os mundos iluminados e tudo abençoado. Está escrito: "Vós, que estais unidos ao Senhor vosso Deus, estais hoje todos vivos". A palavra "atem" (vós) está precedida da letra "vav" (e), indicando que enquanto a gordura e a carne, unindo-se às chamas, são por elas devoradas, os que se uniram a ela permanecem vivos.

A MORTE

Havia um homem cuja hora de abandonar a vida soara; Adão, o primeiro homem, chegou-se a ele e lhe perguntou por que estava partindo desse mun-

do e em que condições. O homem respondeu: Ai de ti, pois por tua causa devo morrer.

Adão respondeu: Meu filho, faltei a um dos mandamentos e por causa disso fui castigado. Veja quantos são os mandamentos de seu Mestre, tanto aqueles que dizem o que fazer como os que dizem o que não fazer, e em consciência analise a quantos você transgrediu.

Então, o Rabino Hiyya disse: A partir dessa data, Adão comparece duas vezes por dia perante os patriarcas e confessa seus pecados, mostrando-lhes o lugar onde, no passado, viveu em glória celestial.

O Rabino Yesa disse, então: Adão se apresenta a todo homem que está para morrer, a fim de lhe dizer que ele está morrendo, não como consequência do pecado dele, Adão, mas por força de seus próprios pecados, de acordo com o que dizem os sábios: Não há morte sem pecado.

OS TRÊS FIOS DO ESPÍRITO

"E Noé teve três filhos" (Gên., 6,10).

O Rabino Hiyya disse ao Rabino Judá: Vou-lhe contar o que ouvi sobre esse texto. Ele pode ser comparado a um homem que entrou em uma caverna e encontrou três crianças, totalmente diferentes em caráter e comportamento. Uma delas era virtuosa, a segunda malvada e a terceira comum. Assim, também, o espírito tem três fios que oscilam, atados a três diferentes mundos. "Neshamah" (superalma)¹ passa entre as montanhas e lá se junta a "Ruah" (espírito); continua descendo e, já nesse mundo, "Ne-

¹ "Neshamah", a "alma santa", superalma, é o poder intuitivo que guia aos segredos de Deus e do universo.

fesh" (alma vital)² encontra-se com "Ruah" e os três se vinculam em uma só unidade.³

O Rabino Judá disse: "Nefesh" e "Ruah" estão conjugados, enquanto que "Neshamah" permanece no caráter do homem, num lugar desconhecido e ignorado. Quando o homem luta por uma vida mais pura, está sendo assistido pelo santo "Neshamah", através do qual se purifica e se santifica. Mas se ele não procura viver uma existência pura e honrada, então "Neshamah" se afasta dele e ele é guiado por apenas dois fios: "Nefesh" e "Ruah". Além disso, ao conviver com a impureza e nela afundar-se paulatinamente, vê-se privado de ajuda celestial. Desta forma, cada um segue o caminho que escolhe.

O MAIS ALTO GRAU DE FÉ

A "alma" (Nefesh) está em íntima relação com o corpo, nutrindo-o e sustentando-o. É o impulso inicial. Adquirindo mérito próprio, transforma-se em trono, onde repousa o "espírito" (Ruah), como está escrito: "até que sobre nós se derrame o espírito do alto" (Isa., 32,15). E quando os dois, alma e espírito, estiverem devidamente preparados, receberão a superalma (Neshamah), descansando sobre o trono do espírito (Ruah). A superalma não pode ser percebida. Os tronos estão superpostos e para a mais proeminente, há um trono mais alto.

O estudo desses graus da alma revela uma compreensão da maior sabedoria e a sabedoria, por si mesma, propicia o encadeamento de numerosos mistérios. O corpo adere à "Nefesh", impulso mais in-

² "Nefesh" é a própria alma, a alma natural dada a cada homem.

³ A respeito dos nomes e graus da alma, veja também os textos: Fé e Três Aspectos da Alma.

ferior, como a chama de uma vela adere ao pavio, sem o qual não poderia existir. Quando completamente aceso, transforma-se no trono da branca luz, que está imediatamente acima e quando ambos alcançam um brilho total, a luz branca transforma-se em trono para uma luz não inteiramente discernida, uma essência desconhecida, repousando sobre a luz branca, e que vem a ser uma luz perfeita.

Dá-se o mesmo com o homem que atinge a perfeição e que é chamado "santo", como diz o versículo: "para os santos que estão na terra" (Sal., 16,3). Acontece o mesmo no mundo superior. Por isso, quando Abraão chegou à terra, Deus lhe apareceu e Abraão recebeu "Nefesh"; construiu, então, um altar para o grau correspondente (de divindade). Então, ele "continuou sua viagem em direção ao Sul" (Gên., 12,9) e recebeu "Ruah". O auge de sua união com Deus foi atingido através de "Neshamah", e imediatamente "construiu um altar para o Senhor", provando o intenso grau de "Neshámah" recebido. Vendo que deveria submeter-se à prova e passar por todos os graus, viajou para o Egito. Lá, resistiu a todas as tentações demoníacas e tendo provado sua força a si mesmo, regressou a casa. De fato, "ele voltou do Egito" (Gên., 13,1), tendo atingido o mais alto grau de fé, com novas forças e reanimado. E desde então Abraão conheceu a sabedoria e, unido a Deus, tornou-se a mão direita do mundo.

MEIA-NOITE

O Rabino Abba saiu de Tiberias para visitar seu sogro; com ele estava seu filho, o Rabino Jacó. Quando chegaram a Kfar Tarsha já era noite e decidiram descansar. O Rabino Abba perguntou a seu hospedeiro: Você tem um galo? O hospedeiro re-

plicou: Por quê? Retrucou o Rabino Abba: Eu gostaria de acordar precisamente à meia-noite. E o hospedeiro respondeu: Não é preciso um galo; ao lado de minha cama há um relógio de água. A água cai gota a gota e até meia-noite termina de cair. Nesse momento, a roda volta rapidamente, fazendo um barulho que abala a casa inteira. Construí esse relógio para um velho homem que se habituara a levantar-se todas as noites à meia-noite para estudar a **Tora**. Então, o Rabino Abba exclamou: Bendito seja Deus por guiar-me até aqui.

Exatamente à meia-noite, a roda do relógio voltou-se e os Rabinos Abba e Jacó se levantaram. Ouviram a voz de seu hospedeiro, vindo da parte de baixo da casa, onde estava sentado com seus dois filhos, dizendo: Está escrito: "Meia-noite levantar-me-ei para Vos louvar pelos Vossos julgamentos cheios de justiça (Sal., 119,62).

O texto omite a contração "à" e por isso concluímos que "meia-noite" é um título dado ao Ente Sagrado, que seja abençoado, a quem Davi assim se refere, porque meia-noite é a hora em que Ele surge com seu séquito e dirige-se ao Jardim do Éden para conversar com os justos. O Rabino Abba disse então ao Rabino Jacó: Agora, realmente, temos a sorte de estar com a Presença.

Então, sentaram-se junto ao seu hospedeiro e disseram: Repita-nos o que você acaba de dizer, pois é muito bonito. Onde ouviu isso? Ele replicou: Foi o meu avô quem me ensinou. Ele disse que durante as três primeiras horas da noite os anjos acusadores do inferno estão ocupados, em todas as partes do mundo; mas, precisamente à meia-noite cessam as acusações, pois nesse momento Deus entra no Jardim do Éden.

E continuou: Essas cerimônias acima ocorrem apenas durante a noite, à meia-noite em ponto. Sabemos disso pelo que está escrito sobre Abraão: "a

noite foi dividida para eles" (Gên., 14,15), pelo versículo "e aconteceu à meia-noite", na história do Êxodo (Êx., 12,29) e por inúmeras outras passagens das Escrituras. Davi sabia disso, explicou o velho homem, pois era condição para a sobrevivência de seu reinado. Assim, ele estava acostumado a levantar-se a essa hora, para entoar salmos, e, por consequência, dirigia-se a Deus chamando-o de "Meia-noite". Disse ainda: "Levantar-me-ei para Vos louvar pelos Vossos julgamentos cheios de sabedoria", pois sabia que essa esfera era a fonte da justiça, origem dos julgamentos dos reis terrenos. Por essa razão, jamais deixou de levantar-se para entoar os salmos a essa hora.

O Rabino Abba dirigiu-se a ele, beijou-o e disse: Certamente é tal como você conta. Bendito seja Deus, que me guiou até aqui. Em todas as partes, os julgamentos se fazem à noite e isso já afirmamos em outras discussões, perante o Rabino Simeão.

Nesse momento, o filho mais moço do dono da casa perguntou: Por que, então, se diz "Meia-noite"?

O Rabino Abba respondeu: Está estabelecido que o Rei celestial se levanta à meia-noite.

O rapaz disse: Eu tenho uma explicação diferente. A isso, retrucou o Rabino Abba: Fale, meu filho, porque por sua boca falará a voz da Fonte da Luz.¹

Ele respondeu: Isso é o que ouvi. Realmente, a noite é o tempo do julgamento severo, de um julgamento que se difunde imparcialmente por todas as partes. Mas, a meia-noite apresenta dois aspectos: o do julgamento e o da misericórdia, sendo que apenas a primeira parte da noite é dedicada ao julgamento, enquanto que a segunda metade ilumina-se

¹ Ao longo do Zoar, o Rabino Simeão ben Yohai é chamado de "lâmpada sagrada".

com a misericórdia (hesed). Eis por que Davi disse: "Meia-noite".

Ao ouvir essas palavras, o Rabino Abba levantou-se, pôs suas mãos sobre a cabeça do rapaz e abençoou-o, dizendo: Pensei que a sabedoria fosse privilégio de apenas uns poucos homens pios. Entretanto, percebo que na geração do Rabino Simeão até as crianças desfrutavam da sabedoria divina. Feliz é você, Rabino Simeão! Ai da geração que vier depois que você tiver partido!

A BÊNÇÃO DE JACÓ

Foram muitas as bênçãos recebidas por Jacó, em diversas ocasiões. Primeiro, lançando mão da astúcia, conseguiu receber a bênção de seu pai; ao retornar de Labão, recebeu a bênção da Divina Presença, como está escrito: "E Deus (Elohim) abençoou Jacó" (Gên., 35,9). Por outro lado, o próprio anjo da guarda de Esaú o abençoou e novamente seu pai o abençoou, quando partiu para Padam-Aram, dizendo: "E Deus todo-poderoso teabençoe..." (Gên., 28,3).

Ao ver que possuía tantas bênçãos, Jacó ponderou: Qual, dentre todas essas bênçãos, usarei primeiro? Decidiu, então, utilizar a última, que era a menos importante de todas. Embora soubesse o valor que ela continha em si mesma, ainda assim a encarava como a menos poderosa nas suas probabilidades de dominação neste mundo. Por essa razão, Jacó disse: Usarei essa bênção imediatamente e guardarei as outras; para usá-las quando eu ou meus descendentes tivermos necessidade, ou seja, quando todas as nações se reunirem para varrer minha posteridade da face da terra.

As palavras seguintes se adequam a Jacó: "Todas as nações me cercam; esmaga-las-ei, em nome do

Senhor. Assediam-me de todos os lados... Cercam-me como um enxame de abelhas" (Sal., 118-10-12). Por três vezes vemos as palavras "cercam-me de perto" e elas correspondem às três outras bênçãos: à primeira bênção de seu pai, à bênção de Deus e a terceira, à bênção do anjo.

Jacó disse: Quando chegar a hora de marchar contra tantos reis e nações, então essas bênçãos serão necessárias. Devo, portanto, guardá-las para essa ocasião. Mas, para negociar com Esaú, basta-me essa última bênção de meu pai.

Ele pode ser comparado a um rei que tem sob seu comando grandes falanges de soldados, liderados por hábeis comandantes e que se mantém preparado para entrar em combate contra o mais forte inimigo. O rei toma conhecimento de que um ladrão de estradas anda molestando o interior do país e ordena: Enviem contra ele os guardas do meu portão. Perguntem-lhe: Apesar das tuas inúmeras falanges de soldados, só podes enviar essas guardas de portão? Ele responde: Eles são suficientes contra o ladrão. Virá tempo em que precisarei enfrentar um inimigo poderoso e, prevendo isso, preciso manter minhas tropas e seus comandantes.

Então, disse Jacó: Essa bênção é o suficiente contra Esaú, mas as outras bênçãos devo reservá-las até que chegue o momento em que meus descendentes precisarão delas para prevalecer sobre os grandes da terra.

Quando chegar esse momento, essas bênçãos começarão a operar e o mundo ficará em harmonia. Nesse instante, o reino único prevalecerá sobre todos os outros e será eterno, como está escrito: "Romperá em pedaços e exterminará a todos os outros reinos e ele permanecerá para sempre" (Dan., 2,44).

Em relação às bênçãos de Jacó, o Rabino Hiyya citou o versículo "O remanescente retornará, até mesmo o remanescente de Jacó" (Isa., 10,21). O Ra-

bino Hiyya disse: Isso refere-se às Bênçãos que permanecem. Está escrito mais adiante: "E os remanescentes de Jacó estarão entre muitos povos, como o orvalho do Senhor, como chuva sobre a grama" (Mie., 5,6).

O Rabino Yesa disse: Está escrito: "Um filho honra a seu pai, e o servo ao seu senhor" (Mal., 1,6). Esaú foi essa espécie de filho; nenhum outro homem no mundo honrou tanto seu pai como Esaú, o que lhe valeu o domínio nesse mundo. Eliezer, o servo de Abraão, exemplifica a honra devida por "um servo ao seu senhor". Além disso, Israel tornou-se súdito de Esaú por causa das lágrimas que por ele deram e assim será, até que, choroso, retorne ao Ente Sagrado, como está escrito: "Regressarão em lágrimas" (Jer., 31,9). Quando a profecia se tiver realizado: "Subirão salvadores ao Monte de Sião para julgarem a montanha de Esaú; e o reino pertencerá ao Senhor" (Abd., 1,21). Bendito seja o Senhor, para sempre.

MAIOR DO QUE JOSÉ

Estando um dia sentado ao portão de Lydda, o Rabino Abba viu aproximar-se um homem, que se acomodou na ponta de um rochedo que sobressaía no terreno. O homem, cansado de longa caminhada, adormeceu. O Rabino Abba notou que uma serpente rastejava por detrás do homem e já quase o alcançava quando de uma árvore caiu um galho que a matou. Nesse momento, o homem acordou e deu um salto quando viu a serpente à sua frente. Nesse exato instante, a pedra sobre a qual estivera sentado soltou-se e rolou ribanceira abaixo.

O Rabino Abba então dirigiu-se ao homem e lhe perguntou: O que fez você para que Deus se dignasse conceder-lhe dois milagres?

O homem respondeu: Sempre perdoei e estive em paz com qualquer que me tenha ofendido. Quando não conseguia perdoar imediatamente, não desistia enquanto não perdoasse e estendesse esse perdão a todos os que já me haviam ofendido. Jamais me preocupei com possíveis injúrias que sofresse; ao contrário, se tal ocorria, redobrava esforços de bondade para com o meu ofensor.

Ao ouvir isso, o Rabino Abba chorou e disse: Os feitos desse homem ultrapassam os de José, pois José pode ter sido indulgente com seus irmãos e era apenas natural o ter-lhes compaixão. Mas esse homem foi ainda mais além e é por isso que o Ente Sagrado opera sucessivos milagres para ele.

Depois, recitou o versículo: "Quem anda na integridade, caminha com segurança. Mas quem lança mão da astúcia, será descoberto" (Prov., 10,9). Repetiu: "Quem anda na integridade", isto é, o homem que segue o caminho da **Tora**, "caminha com segurança", e não haverá no mundo forças malignas ou iniquidades que o possam vencer. Contudo, "quem lança mão da astúcia" e se desvia do caminho da verdade, "será descoberto", e assim será marcado pelos que tomarão assento no julgamento e manterão sua imagem gravada na memória, até que chegue a hora de conduzi-lo ao local escolhido para o julgamento. Mas, "aquele que trilha o caminho da verdade" está sob a proteção de Deus, e assim os executores do julgamento não poderão achar mancha nele. Felizes os que andam no caminho da verdade!

O GRANDE BANQUETE

4

Um dia, o Rabino Isaac, em estado de grande tristeza, sentou-se à porta do Rabino Judá. Ao sair, o Rabino Judá o viu e perguntou-lhe: O que é que tanto o aflige? O Rabino Isaac respondeu:

Vim fazer-lhe três pedidos. Primeiro, sempre quê mencionar qualquer esclarecimento meu sobre a Tora, faça-o em meu nome; segundo, peço-lhe que eduque meu filho José na Tora e, terceiro, rogo-lhe que a cada sete dias vá ao meu túmulo e reze sobre

O Rabino Judá falou: Por que é que você pensa que vai morrer? Ele respondeu: Ultimamente, sinto que durante a noite a minha alma me abandona, em lugar de iluminar os meus sonhos, como antes fazia. Notei também que, quando me inclino para rezar, a minha sombra já não aparece na parede. Concluí, portanto, que o mensageiro partiu na frente e olha por mim.

O Rabino Judá, então, disse: Farei o que me pede. Mas, em troca, quero pedir-lhe que guarde um lugar para mim, a seu lado, no outro mundo, para que possamos ficar juntos como aqui.

O Rabino Isaac, chorando, respondeu: Suplico-lhe que permaneça a meu lado pelo resto dos meus dias.

Juntos, foram procurar o Rabino Simeão. que estava empenhado no estudo da Tora. O Rabino Simeão levantou os olhos e viu o Rabino Isaac e, diante dele, o Anjo da Morte, correndo e dançando. Caminhou então até a porta, pegou o Rabino Isaac pela mão e disse: Ordeno que aquele que está acostumado a entrar, entre, e que aquele que não o está, não entre. Assim, entraram os Rabinos Isaac e Judá e o Anjo da Morte permaneceu do lado de fora.

Ao olhar para o Rabino Isaac, o Rabino Simeão percebeu que ainda não era chegada a sua hora; ela havia sido prorrogada até a oitava hora do dia. Então, fez com que o Rabino Isaac se sentasse e estudasse a Tora. Em seguida, disse a seu filho, o Rabino Eleazar: Sente-se à porta e não converse com ninguém. Se alguém quiser entrar, diga que não pode, por Seu juramento.

Perguntou, então, ao Rabino Isaac: Você hoje viu o rosto de seu pai? Sabemos que quando é chegada a hora de um homem, ele se vê cercado por seu pai e outros parentes. Ele os vê e os reconhece, assim como a todos os que o acompanharam nesse mundo e que escoltam sua alma ao novo domicílio.

O Rabino Isaac respondeu: Até agora não os vi. Então, o Rabino Simeão levantou-se e disse: Mestre do Universo! O Rabino Isaac é ilustre entre nós e um dos sete olhos do mundo. Eu o retenho e rogo-lhe que dê ele para mim.

Ouviu-se uma voz, que disse: O trono do seu Mestre está próximo das asas do Rabino Simeão. Ele é seu e deverá escoltá-lo quando chegar a hora em que você tiver que tomar assento em seu trono.

Nesse momento, o Rabino Eleazar viu que se aproximava o Anjo da Morte e disse-lhe: A morte não pode deixar cair a sua condenação no lugar onde se acha o Rabino Simeão.

O Rabino Simeão chamou seu filho e pediu-lhe que ajudasse ao Rabino Isaac, pois percebia que ele sentia medo.

O Rabino Eleazar atendeu ao pedido do pai, enquanto o Rabino Simeão voltava aos seus estudos. Então, o Rabino Isaac adormeceu e em sonho viu seu pai, que lhe disse: Meu filho! Seu destino é jubiloso, tanto nesse mundo como naquele que há de vir. A razão disso está em que, dentre as folhas da árvore da vida, no Jardim do Éden, ergue-se uma grande árvore, que é o Rabino Simeão ben Yohai, poderoso em ambos os mundos e ele o abriga entre os seus galhos.

O Rabino Isaac perguntou-lhe: Pai, que parte me toca no mundo que há de vir?

Ele replicou: Há três dias já que sua câmara foi coberta e considerada pronta para você; possui janelas nos quatro lados, para permitir que a luz

entre, e quando vi a sua morada, alegrei-me e disse: Seu destino é alegre, a não ser pelo fato de que seu filho ainda não aprendeu bastante a Tora. Veja bem, doze virtuosos companheiros desejavam ardentemente visitá-lo, mas quando já estávamos saindo, ouviu-se uma voz, que ressoou por todos os mundos, dizendo: Companheiros que estão de pé, orgulhem-se do Rabino Simeão. Ele fez um pedido e foi atendido.¹ E ainda há mais. Aqui há setenta lugares coroados, a serem descobertos, que pertencem a ele. Cada um desses lugares possui portas que se abrem para setenta mundos e cada um desses mundos abre-se para setenta canais e cada um desses canais para setenta coroas divinas e daí partem caminhos que levam ao Ser Inescrutável e Patriarcal² abrindo-se sobre uma visão das delícias celestes que proporcionam a todos beatitude e esplendor, como está determinado: "... para gozar da suavidade do Senhor e admirar o Seu templo" (Sal., 27,4).

Então, o Rabino Isaac perguntou: Pai, quanto tempo mais me foi dado nesse mundo?

Ele respondeu: Não estou autorizado a fazer essa revelação e isso tampouco é revelado a um homem. Contudo, quando o grande banquete do Rabino Simeão estiver pronto, você deve preparar-se para participar da mesa.³

Quando o Rabino Isaac acordou, sorria. Notando isso, o Rabino Simeão falou: Você ouviu alguma coisa? De fato, respondeu ele, e prostrou-se diante do Rabino Simeão, contando-lhe o seu sonho.

Desse dia em diante, segundo se conta, o Rabino Isaac ensinou a Tora a seu filho com grande empenho, conservando-o sempre a seu lado. Quando ia conversar com o Rabino Simeão, deixava o filho do lado de fora e, sentando-se diante do Rabino Si-

¹ Isto é, que o Rabino Isaac vivesse.

² Deus, em seu aspecto mais secreto.

³ Esse banquete é uma metáfora para a morte.

meão, aplicava a si mesmo as seguintes palavras: "Senhor, estou em agonia, socorrei-me" (Isa., 38,14).

Aprendemos que, ao soar o momento de um homem deixar esse mundo, os quatro cantos do mundo o acusam e lhe dão punições e os quatro elementos começam a brigar entre si, cada qual desejando que ele morra ao seu lado. Depois disso, parte um mensageiro e anuncia a nova, que é ouvida em duzentos e setenta mundos. Se o homem é merecedor, será jubilosamente recebido por todos os mundos; caso não o seja, ai dele e de seu destino!

Aprendemos que após a proclamação do arauto, do Norte sairá uma chama que seguirá através do "rio de fogo" (Dan., 7,10) e se dividirá para alcançar os quatro cantos do mundo, consumindo as almas dos pecadores. Depois, sai e move-se rapidamente para cima e para baixo, até que se instala entre as asas de um galo preto, que agitará as asas e cantará na soleira do portão. Primeiro, gritará: "Porque eis que vem um dia ardente como uma fornalha..." (Mal., 3,19); da segunda vez, gritará: "Porque aquele que formou os montes e criou o vento, aquele que revela ao homem seus próprios pensamentos..." (Am., 4,13); é nessa hora que os atos de um homem testemunham contra ele e ele os reconhece como seus. Na terceira vez, vem pra privá-lo de sua alma e o galo canta: "Quem não vos há de temer, rei dos povos? A vós é devido todo o respeito..." (Jer., 10,7).

O Rabino Yose perguntou: Por que deve ser um galo preto? E o Rabino Judá replicou: Há um significado místico em todas as coisas feitas pelo Todo-Poderoso. Sabemos que a punição só cai sobre um lugar que lhe seja semelhante. O preto simboliza o julgamento e ao dizer que a chama, em seu percurso, brilha sobre as asas de um galo preto, emprega-se a imagem mais adequada.

Assim, ao aproximar-se a hora do julgamento de um homem, o galo começa a chamá-lo e apenas

o sofredor sabe, como aprendemos, que um novo espírito, vindo do alto, penetra no homem enfermo, cuja hora está próxima. É em razão desse novo espírito que ele se toína capaz de perceber coisas que antes não podia notar e então, parte desse mundo. Está escrito: "... pois o homem não me poderia ver e continuar a viver" (Êx., 33,20); isso não é permitido durante a vida, mas apenas na hora da morte.

Além disso, conforme já vimos, a um homem, na hora da morte, é-lhe permitido ver parentes e companheiros que já estão no outro mundo. Todos se alegram e o saúdam, se ele é virtuoso. Caso contrário, apenas os pecadores, que diariamente são lançados ao **Gehinnom**, o reconhecem. Todos estão mergulhados nas trevas e sua conversa começa e acaba em um lamento. Erguendo os olhos, ele os vê, como uma chama dardejando fogo e, junto com eles, exclama: "Ai!"

Sabemos que quando a alma de um homem o deixa, é recebida pelas dos parentes e amigos que o precederam na morte. Elas a guiam para o reino das delícias ou para o local das torturas. Se foi um justo, terá seu lugar reservado para gozar das delícias do outro mundo., Caso haja sido iníquo, permanecerá nesse mundo até que seu corpo tenha sido queimado na terra, depois do que os executores se apoderarão dele e o levarão perante Duma, o príncipe de **Gehinnom**, onde ele receberá o seu quinhão.

O Rabino Judá disse: Por sete dias, a alma perambula de sua casa ao seu túmulo, e vice-versa, indo e vindo, lamentando a perda de seu corpo, como diz o versículo: "É somente por ele que sua carne sofre; sua alma só se lamenta por ele" (Jó, 14,22). Ao notar a tristeza da casa, também se aflige.

Sabemos que ao término dos sete dias começa a deterioração do corpo, e então a alma segue em direção a seu destino. Primeiro, vai à caverna de

Machpelah, em determinado ponto, de acordo com os seus méritos. Depois, segue para o Jardim do Éden, onde encontra os querubins e a espada flamejante que está na parte mais baixa do Jardim. Caso seja considerada merecedora, poderá aí entrar.

Sabemos, outrossim, que lá existem quatro sustentáculos, tendo em suas mãos a forma de um corpo, ao qual a alma se ajustará como às suas roupas, e então permanecerá no círculo que lhe corresponder, no Jardim Inferior, por determinado tempo. Depois, um arauto fará a proclamação e será mostrado um sustentáculo com três matizes, denominado "a morada do Monte Sião" (Is., 4,5). Por esse sustentáculo, a alma ascenderá ao portão da equidade, onde se encontram Sião e Jerusalém. Feliz da alma que é considerada merecedora de ascender ao alto, porque aí se reunirá ao Corpo do Rei! Caso ela não mereça atingir o alto, então: "O que restar de Sião, os sobreviventes de Jerusalém, serão chamados santos..." (Is., 4,3). Mas quando a alma logra chegar ao alto, vê ante si a glória do Rei e lhe será concedido gozar da delícia suprema, na região conhecida pelo nome de Céu. Afortunado é aquele a quem foi concedida tal graça!

O Rabino Yose disse: Há duas graças, uma maior e outra menor. A graça maior encontra-se acima dos céus, conforme está escrito: "Porque acima dos céus eleva-se a Vossa misericórdia..." (Sal., 108,5). E a respeito da menor: "Porque aos céus eleva-se a Vossa misericórdia" (Sal. 57,11) e a esta última pertencem "os favores prometidos a Davi" (Isa., 55,3).

A MORTE DE JACÓ

"E aproximando-se de seu termo os dias de Israel. ..." (Gên., 47,29). O Rabino Hiyya disse: Aqui,

ao se falar de sua morte, aparece o nome Israel, enquanto que em vida foi chamado de Jacó, como está escrito: "E Jacó viveu..." (Gên., 47,28). Por que é assim? Replicou o Rabino Yose: Repare na palavra "dias". É estranho, já que o homem morre em um só dia, ou melhor, em um instante.

Contudo, a razão é a seguinte: Quando Deus decide receber de volta o espírito de um homem, Ele passa revista nos dias desse homem na terra. Feliz é o homem que pode apresentar diante do Rei dias sem mácula, porque não consentiu em um único pecado. Isso só pode ser dito a respeito dos justos. E aí dos fracos, cujos dias se passaram no pecado e não foram registrados no Alto. Esses não poderão aproximar-se do Rei. Deles se diz: "A estrada dos iníquos é tenebrosa; eles não percebem os obstáculos em que hão de tropeçar" (Prov. 4,19).

Por essa razão, está escrito que os dias de Israel "aproximavam-se", sem censura e com grande alegria. O nome Israel é empregado para significar uma perfeição maior do que a que pode estar contida no nome de Jacó.

Disse o Rabino Yose: Há justos que são afastados do Rei, quando seus dias são somados e há os que se aproximam do Rei e sua parte é abençoada. Entre esses encontrava-se Israel.

"E ele chamou seu filho, José..." (Gên., 47,29). E os outros, não eram seus filhos?

O Rabino Abba explicou: Vemos que José é chamado de filho de Jacó em um sentido bem mais amplo do que o atribuído ao simples parentesco. Lembremo-nos de que quando ele foi tentado pela esposa de Putifar, olhou para o alto e viu a imagem de seu pai (como está escrito: "... e não se encontrando ali ninguém da casa..." (Gên., 39,11) o que deve ser entendido como "porém, havia mais alguém") e ao vê-la, resistiu e partiu. E quando Jacó abençoava

a todos os seus filhos, disse a José: "Eu sei, meu filho, eu sei" (Gên., 48,19) e essa repetição significa: "Conheço a ocasião em que demonstraste, com tua própria carne, que és meu filho".

Também está dito que José se parecia tanto com o pai, que quantos o vissem sabiam que era filho de Jacó. Por isso, Jacó o chamou "meu filho". A isso o Rabino Yose acrescentou outro motivo: José foi o arrimo de Jacó e de sua família, quando Jacó envelheceu.

Além disso, foi a José que Jacó pediu que o enterrasse e não a qualquer de seus outros filhos. Isso porque, somente José poderia retirá-lo do Egito.

Então, o Rabino Yose perguntou: Já que Jacó sabia que seus descendentes seriam escravos no Egito, por que não demonstrou uma verdadeira preocupação de pai, fazendo com que lá o enterrassem, de forma a que seus méritos protegessem os seus? Pelo que a tradição nos ensina, sabemos que Jacó, ao estar já pronto para partir para o Egito, foi dominado pelo medo que sua posteridade ficasse perdida entre as nações e que Deus pudesse retirar-Se de sua presença. Por esta razão, Deus lhe disse: "Não temas descer ao Egito, porque ali farei de ti uma grande nação" (Gên., 46,3) e, mais adiante, "Descerei contigo ao Egito" (Gên., 46,4). Apesar dessas promessas, Jacó sentiu medo e não quis ser enterrado no Egito; preferiu repousar entre seus ancestrais, porque Deus lhe dissera: "e eu mesmo te farei de novo subir de lá" (ibid), significando que ele poderia ser enterrado junto a seus pais.

Foram várias as razões que levaram Jacó a desejar retirar-se do Egito. Entre esses motivos, ele sabia que chegaria o momento em que Deus puniria os deuses dos egípcios e temia que os egípcios fizessem dele um deus. Além disso, tinha a certeza de que Deus não retiraria Sua Presença do seio de seus

descendentes no exílio. Desejava, também, que seu corpo descansasse em paz, junto a seus ancestrais, de forma a permanecer com eles e não junto aos pecadores do Egito. A chave de toda essa questão é que não existe separação entre os patriarcas e por isso ele disse: "Quando eu me tiver deitado junto a meus pais" (Gên., 47,30).

Há ainda outra razão pela qual Jacó chamou a José "meu filho". Jacó dedicou-se inteiramente a Raquel e desde o princípio desejou com ardor gerar a José, mais do que a qualquer de seus outros filhos.

O Rabino Simeão disse: Todos os atos de um homem são anotados em um livro e examinados pelo Santo Rei. Por isso, o homem deve tomar a grave decisão tanto de não pecar quanto de, em hipótese alguma, ir contra os desejos de seu Mestre, pois até mesmo os pensamentos do homem são conhecidos por Deus e não há forma de enganá-lo.

Na noite em que Jacó foi ao encontro de Lia, ela lhe ofereceu as provas que ele dera a Raquel para induzi-lo a pensar ser ela Raquel. Mas Deus, para quem não existem segredos, permitiu que o pensamento de Jacó parasse e assim a primogenitura de Rubem cessou em favor de José, já que foi a primeira semente de Jacó e assim Raquel tomou posse de sua herança. Foi por isso que Lia chamou seu rebento de Rubem, que quer dizer "veja um filho", e não de Rubeni, que significa "veja meu filho".

Foi-nos ensinado que Deus estava ciente de que Jacó não tinha a intenção de desobedecê-lo e não permitiu que os pensamentos de Jacó se voltassem para qualquer outra mulher com intenções pecaminosas, e por isso está escrito: "Agora os filhos de Jacó eram doze" (Gên., 35,23). Os Companheiros sabem que há outro nome para designar o filho gerado por um pecador que age dessa forma. Por essa razão, está escrito, Jacó "chamou seu filho José"

— seu filho verdadeiro, primeiro e último. "... mete, rogo-te, tua mão debaixo de minha coxa..." (Gên., 47,29).

O Rabino Yose disse: Jacó insistiu para que José jurasse sobre a marca feita, pelo pacto sagrado, em sua carne, pois os patriarcas consideravam esse gesto como da maior importância e esse pacto é simbolizado por José.

O Rabino Simeão disse: Encontramos a frase "mete tua mão debaixo de minha coxa" tanto em referência a Abraão quanto a Jacó, mas ela não aparece relacionada a Isaac, simplesmente porque Esaú saiu de Isaac.

Podemos também supor que Jacó tenha querido dizer: Jura-me pela marca sagrada, que concedeu ao mundo a santa e fiel semente, permanecendo para sempre imaculada, que não me enterrarás entre os impuros que não deram a ela a menor importância. Se é assim, poder-se-ia perguntar por que José, que manteve o pacto, foi enterrado entre eles? Diríamos que isso se deveu a uma situação especial, semelhante a quando Deus apareceu a Ezequiel, fora da Terra Santa, perto do rio Chebar. Deus sabia que José estava para ser levado, que os israelitas seriam esmagados em cativeiro e então disse: Façam sua sepultura na água,¹ um lugar que não está exposto à sujeira e dessa forma os israelitas serão capazes de suportar o cativeiro.

O Rabino Yose disse: Jacó compreendeu isso e, como seus pais, era perfeito para participar da caruagem santa (na qual repousa a Divindade), mas ele sabia que seria impossível reunir-se a seus ancestrais se fosse enterrado no Egito.

¹ De acordo com a tradição, o caixão de José foi posto na água, onde permaneceu até o Êxodo.

Como sabemos, os patriarcas podiam enterrar suas esposas junto com eles, na caverna de Machpelah. Então, por que Jacó foi enterrado junto a Lia, e não a Raquel, que era "a fundação da casa"? Ocorre que Lia concebeu maior número de crianças geradas pela semente sagrada.

O Rabino Judá disse: Quando Lia soube que Jacó era virtuoso, passou a ir, diariamente, até a estrada, onde chorava e rezava por ele. Raquel, em compensação, jamais fez isso. Por essa razão, concedeu-se a Lia o direito de ser enterrada junto dele, enquanto que a sepultura de Raquel foi cavada na estrada.

A explicação encontrada na doutrina secreta diz que uma delas simboliza o revelado e a outra, a parte escondida do ser. Pela tradição, sabemos que a virtuosa Lia derramou muitas lágrimas enquanto rezava e suplicava ser dada em casamento a Jacó, e não ao fraco Esaú. Daí, inferimos que todos os que têm um castigo estabelecido podem vê-lo cancelado, desde que implorem isso ao Todo-Poderoso. Assim, Lia, prometida a Esaú por determinação divina, procurou pela oração mudar o seu destino e ser dada a Jacó, livrando-se de Esaú.

O Rabino Isaac disse — Está escrito: "E a sabedoria de Salomão excedia a sabedoria de todas as crianças do Leste" (I Rs., 5,10). O que significa "a sabedoria de todas as crianças do Leste"? A tradição nos explica que essa era a sabedoria herdada por eles de Abraão. Pois lemos que Abraão "deu todos os seus bens a Isaac" (Gên., 25,5). Isso incluiu a maior sabedoria, que era a de Abraão, único a ter conhecimento do nome sagrado de Deus. "Quanto aos filhos de suas concubinas, só lhes deu presentes. ..." (Gên., 25,6). Com isso fica claro que a esses só lhes outorgou o conhecimento das coroas inferio-

res (as forças demoníacas) e foi-lhes determinado que se estabelecessem nas "terras do Oriente" (ibid) e assim as crianças do Leste receberam sua sabedoria mágica.

"Quando eu me tiver deitado com meus pais". .. (Gên., 47,30).

O quinhão dos patriarcas é pleno de alegrias; eles formam a carruagem santa de Deus, que se alegra com a sua presença e com eles é entronizado, conforme está escrito: "... só a teus pais apegou-se o Senhor com amor..." (Deut., 10,15).

O Rabino Eleazar disse: Jacó sabia que deveria ser entronizado com seus pais e esses com ele...

O Rabino Judá disse: Os ouvidos dos homens estão fechados para as admoestações da **Tora** e seus olhos para o seu estado pessoal, sem pensar que no dia em que o homem aparece no mundo, com ele aparecem todos os dias que lhe serão atribuídos e que fervilham ao redor do mundo e, por sua vez, cada um desce sobre o homem para adverti-lo. E quando o homem, mesmo tendo sido advertido, peca contra seu Mestre, o dia em que o homem transgrediu sobe, cheio de vergonha, e fica isolado do lado de fora, prestando seu testemunho, e assim permanece até que o homem se arrependa. Quando o homem retoma o caminho da retidão, o dia ocupa de novo a sua posição. Caso contrário, junta-se ao espírito externo e retorna à sua morada, onde assume a mesma forma que o homem, como meio para puni-lo e permanece com ele em sua casa. Quando o homem é honrado, o dia será um bom companheiro; no caso oposto, será má companhia. Por outro lado, essa espécie de dia é abandonada na contagem geral, deixando de ser computado juntamente com os outros.

Ai do homem que tenha desprezado seus dias perante o Todo-Poderoso; ai daquele que não lhes

tenha concedido a oportunidade de entronizá-lo no outro mundo e apresentá-lo ao Rei Sagrado. Sendo digno, ele ascende pela virtude daqueles dias em que foi íntegro e não pecou e eles se convertem numa veste esplendorosa para sua alma. Ai daquele que desprezou seus dias, porque os dias prejudicados por seus pecados far-lhe-ão falta quando chegar o momento de ser vestido por eles e assim a sua veste será imperfeita. O pior ocorre quando são muitos os dias desprezados, porque então ele terá pouco com o que vestir-se no outro mundo. Como isso é triste para ele e sua alma! Sofrerá a punição de passar muitos dias no **Gehinnom**, por dia em que pecou, caso não tenha um só dia para vesti-lo no momento em que deixar esse mundo.

Já os honrados são ditosos, pois seus dias são armazenados junto ao Rei Sagrado e se converterão em trajes esplêndidos que o abrigarão no outro mundo. Esse é o significado secreto do versículo: "vendo que estavam nus" (Gên., 3,7), o que quer dizer que as vestes gloriosas que usavam até aquele momento se desfizeram e não sobrou um só dia que pudesse cobri-los. E assim permaneceram, até que Adão se arrependesse. Então, Deus o perdoou e lhe fez outras roupas que não eram constituídas por seus dias, como está dito: "O Senhor Deus fez para Adão e sua mulher umas vestes de peles e com elas os cobriu" (Gên., 3,21).

Vemos que foi escrito a respeito de Abraão: "estava avançado em idade" (Gên., 24,1), pois ao deixar esse mundo ele tomou posse real de seus dias anteriores, como uma investidura e seu traje era de enorme esplendor, abundância e perfeição. Mas, Jó disse a respeito de si mesmo: "Nu, saí do ventre de minha mãe; nu, voltarei a ele" (Jó, 1,21), uma vez que não lhe foi deixado um só traje com o qual pudesse vestir-se.

Nossos mestres nos ensinaram que os justos são felizes, pois seus dias não têm mácula e permanecem para o mundo que há de vir, e assim, depois da morte, os dias se reúnem para formar um traje de esplendor que os revestirá enquanto provam as delícias do mundo futuro e com o qual estão destinados a receber novamente a vida. Mas, pobres dos pecadores cujos dias foram prejudicados e, em consequência, nada restou para vesti-los quando partirem desse mundo.

Além disso, aprendemos que todos os que, por sua equidade, fizeram jus a um traje de glória, formado por seus dias, serão entronizados no mundo do futuro como os patriarcas o foram, com coroas feitas do riacho que corre incessantemente no Jardim do Éden e sobre eles está escrito: "O Senhor te guiará constantemente e saciará tua alma em lugares de resplendor" (Is., 58,11). Mas os pecadores, que falharam em obter seus trajes, "serão como o cardo da charneca e nem perceberão a chegada do bom tempo, habitando o solo calcinado do deserto" (Jer., 17,6).

O Rabino Isaac então disse: De todos os homens, Jacó foi o que teve a melhor oportunidade, já que o traje lhe era devido tanto pela virtude dos seus dias como pela de seus ancestrais. Por isso, ele disse: "quando eu me tiver deitado com meus pais".

O Rabino Judá falou: Quando Jacó se apresentou para receber a bênção de seu pai, usava as roupas de Esaú e está escrito que Isaac cheirou **seu** vestuário (dele) (Gên., 27,27); isso quer dizer que Isaac percebeu o cheiro da vestimenta de Jacó no mundo futuro e por essa razão o abençoou. E falou: "Sim, o odor de meu filho é como o odor de um campo que o Senhor abençoou" (ibid), referindo-se ao campo de macieiras sagradas, onde o orvalho provindo da região denominada céu gotejava cada dia. E continuou: "Deus te dê o orvalho do céu" (Gên., 27,28). Aprendemos que diariamente se levantam, no Jardim do

Éden, quinze odores que perfumam as vestes preciosas do outro mundo.

O Rabino Judá indagou qual o número de trajes e o Rabino Eleazar respondeu: Os mestres divergem sobre essa questão, mas na realidade são em número de três. O primeiro veste o espírito (**ruah**) no Jardim do Éden terrestre. Já o segundo, mais rico, adorna a alma mais profunda (**neshamah**), quando está guardada no "escrínio da vida" (I Sam., 25,29) no círculo do Rei. O terceiro é um manto externo, que aparece e desaparece e com o qual a alma vital (**nefesh**) se veste. Essa (**nefesh**), move-se de um lado para o outro nesse mundo, procurando nos Sabás e nas Luas Novas o espírito do paraíso terrestre, do qual aprenderá algumas coisas e, depois, difundirá esse conhecimento pelo mundo inteiro. Aprendemos que durante os Sabás e as Luas Novas a alma (**nefesh**) faz duas visitas: primeiro, procura o espírito entre os perfumes do paraíso terrestre e então, juntamente com o espírito, busca a alma mais alta no "escrínio da vida" e rejubila-se com a radiação esplendorosa que emana de ambos os lados. Isso acha-se implícito nas palavras: "O Senhor saciará tua alma em lugares de resplendor" (Isa., 58,11), onde o plural é empregado significando tanto a refulgência exterior do lugar do espírito como o brilho dentro do brilho que chega até eles por estarem com a alma mais alta no "escrínio da vida".

UM SELO EM TEU CORAÇÃO

Em certa ocasião, desejando resguardar-se do calor do sol, os Rabinos Eleazar e Abba entraram numa caverna, em Lydda. O Rabino Abba falou: Cubramos essa caverna com palavras da **Tora**. O Rabino Eleazar começou citando esse versículo: "Põe-

me copio um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços... Seus ardores são chamas de fogo, os seus fogos, o fogo do Senhor" (Cânt., 8,6).

Ele disse: Esse versículo provocou grande discussão. Uma noite em que cuidava de meu pai, ele disse que apenas as almas dos justos representam a verdadeira devoção da Comunidade de Israel a Deus e seu anseio por ele, pois essas almas possibilitam que as águas inferiores corram em direção às superiores e isso conduz à amizade perfeita e ao anseio pelo abraço mútuo, de forma a gerar frutos. Quando apegados um ao outro, a Comunidade de Israel proclama, com a grandeza de sua afeição: "Põe-me como um selo sobre o teu coração", de modo que eu possa sobreviver sobre ti, em semelhança, como a estampa do selo.

"Porque o amor é forte como a morte" (ibid), violenta", pois é a separação do espírito" e do corpo. Aprendemos que quando um homem está para deixar esse mundo e vê verdadeiras maravilhas, seu espírito, como um barqueiro que tenha perdido seus remos e se debata no mar, vagando de um lado para o outro, sem poder encontrar o seu rumo, também se debate em seus membros, pedindo para livrar-se deles e por isso a separação se dá em meio a grandes tormentos. É com essa violência que a Comunidade de Israel ama a Deus. "O ciúme é cruel como o tumulto" (ibid). Quando não há ciúme, também não existe amor verdadeiro; aprendemos que o amor de um homem por sua esposa, para ser autêntico, deverá ser ciumento, pois só assim não olhará para outra mulher.

Acabavam de sentar-se, quando viram que o Rabino Simeão se aproximava, pela estrada, acompanhado dos Rabinos Judá e Isaac. Quando o Rabino Simeão chegou à caverna, os Rabinos Eleazar e Abba estavam saindo dali. Disse o Rabino Simeão: Ao

olhar as paredes dessa caverna, percebi que a Divina Presença flutua nela. E todos sentaram-se.

O Rabino Simeão perguntou: Sobre o que estavam conversando?

O Rabino Abba respondeu: Sobre o amor que a Comunidade de Israel dedica a seu Deus. E novamente o Rabino Eleazar citou as palavras: "Põe-me como um selo sobre teu coração".

O Rabino Simeão disse: Eleazar, você estava prestes a perceber o amor celestial e os laços da afeição. Então, calou-se por um momento. Por fim, disse: O silêncio é sempre agradável e sábio quando se medita sobre a **Tora**. Possuo uma jóia e me agradaria dividi-la com vocês. É uma idéia profunda que me ocorreu ao ler o livro de Rav Hamnuna, o Velho. Trata-se do seguinte:

É sempre ao homem que toca perseguir a mulher, procurando estimular o seu amor. Mas, nesse caso, é a mulher que persegue o homem e faz-lhe a corte, o que escapa à norma de conduta das mulheres. Aí encontramos um grande mistério, um dos mais acalentados tesouros do Rei. Sabemos que há três almas que pertencem à classe divina. Três não, quatro, já que existe uma alma superior que é imperceptível tanto para o que vigia o tesouro abaixo como para o que está acima. É a alma de todas as almas, incognoscível e inescrutável. Tudo dela depende e ela acha-se encoberta por um deslumbrante véu de grande brilho, formado por pérolas costuradas lado a lado, como as juntas do corpo, e nas quais ela penetra, manifestando sua energia. Ela e eles são uma só coisa, não havendo a menor divisão.

Há ainda uma alma feminina, oculta entre suas hostes e que possui um corpo que a ela adere, através do qual se manifesta seu poder, como a alma do corpo humano.

Essas almas são cópias das juntas escondidas mais acima. Lá, ainda encontraremos outra alma, ou

seja, a alma dos justos que deriva das almas mais elevadas (as almas do macho e da fêmea), que se elevam acima de todas as hostes e grupos celestiais. Podemos indagar por que, sendo tão proeminentes, descem a esse mundo para dele serem arrancadas em algum momento do futuro.

Isso se explica através do seguinte exemplo: Um rei possuía um filho que enviou a estudar na cidade, antes de iniciar-se nos assuntos palacianos. Quando o rei recebe a notícia de que seu filho atingiu a maturidade, envia, transbordando de amor, a matrona, sua mãe, para trazê-lo de volta a casa, e se alegra diariamente com a sua presença. Assim, também, o Ser Sagrado teve um filho com a Matrona, que é a alma superior. Ele o envia à cidade, ou seja, ao mundo, para nele crescer e então iniciar-se nos assuntos do palácio do Rei. Ao ser notificado de que seu filho atingiu a maioridade e deve voltar a casa, o Rei, cheio de amor, envia a Matrona por ele. A alma não deixa esse mundo até que a Matrona venha buscá-la, para conduzi-la ao palácio do Rei, onde viverá para sempre. Entretanto, o povo da cidade chorou quando o filho do Rei partiu. Um homem sábio perguntou-lhe: Por que choram? Não era ele o filho do Rei? Assim, seu verdadeiro lugar é no palácio de seu pai, e não entre vocês...

Se os justos sempre pensassem nisso, encher-se-iam de alegria quando chegasse a hora de deixar esse mundo. Não é uma honra a chegada da Matrona que vem buscá-los para conduzi-los ao palácio do Rei, onde diariamente Ele se regozijará com seus filhos? Para Deus, só há alegria na alma dos justos. Só essas almas são capazes de mover o amor da Comunidade de Israel por Deus, pois se originam tanto do Rei como do homem. Esse arrebatamento atinge a mulher, excitando o seu amor e é assim que o homem conquista a mulher, que se une a ele com ternura e amor. Analogamente, o desejo feminino

de emanar águas inferiores para misturá-las às águas superiores¹ é provocado exclusivamente pelas almas dos justos. Portanto, felizes dos justos nesse mundo e no que há de vir, pois sobre eles se fundamentam seres superiores e inferiores. Tanto que está escrito: "O justo é a base do mundo" (Prov. 10,25).

¹ As águas superiores e inferiores representam as forças do macho e da fêmea, ou os princípios ativo e passivo da criação.

ÊXODO

OS DEZ "SEFIROT"

Se alguém indagasse se não está escrito: "Vós não vistes figura alguma" (Deut., 4,15), a resposta seria: É verdade, foi-nos permitido vê-Lo de determinada forma, mas sobre Moisés está escrito: "e ele contempla o Senhor face a face" (Núm., 12,8). Mas o Senhor só foi revelado com a aparência contemplada por Moisés, e não com qualquer outra, de espécie distinta, formada por seus signos. Por isso, está escrito: "A quem poderíeis comparar Deus e que imagem d'Ele poderíeis oferecer?" (Is., 40,18). Essa referida similitude era apenas uma imagem do Ser Sagrado, não como ele é na verdade, pois sua morada é impenetrável, mas como o Rei que demonstra seu poder de dominar sua criação inteira, aparecendo a cada uma de suas criaturas como cada uma delas t> concebe, conforme está escrito: "E pelo ministério dos profetas, Eu usei de semelhanças" (Hos., 12,11).¹ Por essa razão, Ele diz: Embqra em sua própria imagem Eu esteja representado, a quem vocês Me compararão ou Me farão comparável ?

No princípio forma e figura não haviam sido criadas e assim Ele também não possuía forma ou imagem. Em consequência, é proibido entendê-Lo, tal como Ele é, antes da Criação ou imaginá-Lo sob

¹ Esse versículo quer dizer que Deus se manifesta a cada profeta de acordo com sua capacidade de percepção de Deus.

qualquer forma ou figura. Nem mesmo através de suas letras, "hé" ou "vav"² ou através de Seu nome sagrado completo, ou, ainda, por qualquer tipo de letra ou signo. Assim, "Vós não vistes figura alguma" significa que eles viram algo que não pode ser expresso por forma ou figura, algo que não pode ser corporificado numa concepção finita.

Porém, quando Deus criou a forma do homem superior, usou-a como uma carruagem e nela desceu para se tornar conhecido pelo nome de YHVH, com seus atributos e para ser compreendido através de cada um deles em particular, fez-Se chamar de El, Elohim, Shaddai, Zevaot e YHVH, representando cada um deles um símbolo de seus vários atributos divinos, mostrando que o mundo é mantido pela misericórdia e justiça, de acordo com os feitos do homem. Mesmo ao mais sábio, seria impossível perceber ao Ser Sagrado se o seu brilho de glória não tivesse resplandecido em tudo o que Ele criou. Ele teria permanecido incompreensível e as palavras "a terra inteira está cheia de sua glória" (Is., 6,3) não poderiam ter sido realmente pronunciadas.

Contudo, aí do homem que se atrevesse a identificar o Senhor através de um único de seus atributos, ainda que esse Lhe pertencesse, pois o homem é uma forma menor de existência, "que tem o pó por fundamento" (Jó, 4,19), sendo criaturas frágeis, que tão logo desaparecem, são esquecidas. O homem tem a audácia de idear uma única concepção do Ser Sagrado, a de sua soberania sobre os outros atributos e áobre a criação como um todo. Mas, caso não seja Ele visto sob essas manifestações, então não há atributo ou semelhança ou qualquer forma Nele, tal

² As quatro letras do nome sagrado — YHVH — são símbolos da manifestação do poder criativo de Deus em todos os seres.

como o próprio mar, cujas águas carecem de forma e solidez até que se espalhem sobre a terra.

A propósito desse tema, podemos supor que as coisas assim sucedam: De um lado está a nascente do mar; uma corrente sai dele, fazendo uma revolução que seria "yod".³ A fonte é única, mas a corrente a transforma em duas. Então, forma-se a vasta bacia conhecida como mar, que se parece com um canal escavado na terra e enchido pelas águas que escorrem da nascente. O mar é a terceira coisa, tísica vasta bacia reparte-se em sete canais e as águas correm do mar para esses canais. Reunidos todos, a nascente, a corrente, o mar e os sete canais, perfazem o total de dez. Se o Criador que fez esses tubos decidisse quebrá-los, a água voltaria à sua nascente e restariam apenas recipientes quebrados, secos e vazios.

Assim, também, a Causa das causas derivou dos dez aspectos de seu Ser, conhecidos como "sefirot" e denominados a coroa da Fonte, que é uma fonte inexaurível de luz, razão pela qual ele se autoneia "eyn sof", o Infinito. Ele não possui forma ou figura e não há recipiente que possa contê-lo ou apreendê-lo. As seguintes palavras referem-se a isso: "Abstém-te de entender aquilo que é muito difícil para ti e abstém-te de procurar o que está escondido de ti".⁴

Então, Ele modelou um vaso minúsculo, como a letra "yod", encheu-o Consigo mesmo e chamou-o de Fonte da Sabedoria sentimental e a si próprio denominou-se Sábio, devido à sua realização. Em seguida, criou um grande vaso, o mar, e o nomeou Compreensão (binah), como a Si mesmo. Tanto a sabedoria como a compreensão são Ele próprio, em

³ A primeira letra do nome de Deus.

⁴ Ben Sira, de acordo com o Talmude, "Hagiga" 13a.

sua verdadeira essência. A Sabedoria, de per si, não pode exigir esse título, que só lhe é outorgado através d'Ele, que é sábio e a encheu com o conteúdo de Sua fonte. Assim, também, a Compreensão foi enchida a partir de sua própria essência e tornar-se-ia árida caso Ele se ausentasse. Por isso está escrito: "As águas correm do lago, o rio esgota-se e seca" (Jó, 14,11).

Finalmente, "Ele o dividirá (o mar) em sete braços" (Is., 11,15), isto é, Ele o dirige a sete preciosos recipientes, aos quais denomina Grandeza, Poder, Glória, Vitória, Majestade, Fundamento e Soberania⁵ nos quais Ele mesmo está representado: grande na Grandeza, forte no Poder, glorioso na Glória, vitorioso na Vitória, "a beleza de nosso Criador" na Majestade, justo no Fundamento (cf. Prov., 10,25). O Fundamento engloba todos os recipientes, todas as coisas e todos os mundos.

Na Sabedoria Ele se proclama Rei e é a grandeza, o poder, a honra, a majestade e a glória, porque tudo o que existe no céu e na terra Lhe pertence. A vós, Senhor, a realeza, porque sois, soberanamente, superior a todas as coisas" (I Par., 29,11). Todas as coisas repousam em seu poder; só Ele pode reduzir o número de recipientes ou aumentar a luz que daí emana, e vice-versa. Acima d'Ele não há outra divindade com semelhante poder.

Criou também seres que servem a esses recipientes: tronos, sustentados por quatro colunas, com seis degraus, perfazendo um total de dez. O trono se parece com a taça da bênção sobre a qual foram feitos os dez mandamentos (no **Talmude**), em harmonia com a **Tora**, tendo sido transmitidos em Dez Palavras (o **Decálogo**), as mesmas que criaram o mundo.

⁵ Esses designam os sete "sefirot" inferiores.

DO FUNDO DO ABISMO

"Do fundo do abismo clamo a Vós, Senhor" (Sl., 129,1). Esse salmo é de autoria ignorada e homens de todas as gerações podem considerá-lo seu. É dever de todo homem rezar, com todo o seu coração, perante o Rei Sagrado, dirigindo a Deus completamente sua alma e sua mente, inclinados em oração.

Davi havia dito "De todo coração eu Vos procuro" (Sl., 118,10). Podemos indagar por que ele foi mais além ainda, dizendo "do fundo do abismo"? O sentido seria o seguinte: um homem deve ter a necessidade de dirigir sua mente e seu coração exclusivamente à fonte de todas as fontes, quando reza perante o Rei, de forma que possa extrair bênçãos das "profundezas do poço" (chamadas esferas), a fonte de toda a vida, "o rio que sai do Éden" (Gên., 2,10), e que "alegra a cidade de Deus" (Sl., 46,5).

A oração é a expressão desse pedido, de cima para baixo:¹ quando o Patriarca, o Escondido, deseja abençoar o mundo, ele conclama, das profundezas celestiais, sua recompensa, e a oração humana a lançará ao "poço", tornando possível que todos os rios e córregos se encham.

DOIS ASPECTOS

O Rabino Abba disse: O que queriam dizer os israelitas com essas palavras: "O Senhor está ou não no meio de nós?" ("ayin", nada, Êx., 17,7). Seria possível que a sua ignorância os fizesse desconhecer que Ele estava entre eles? Não estavam eles mergulha-

¹ O Zoar considera esse versículo do seguinte modo: "Do fundo do abismo (onde está a Vossa sabedoria) eu Vos evoco".

dos na Divina Presença e cercados pelas nuvens de glória? Não viram, no mar, a luz que emana da refulgente majestade de seu Rei? Não ouvimos relatar que, no Mar Vermelho, um servo foi honrado com uma visão especial, mais importante do que a tida por Ezequiel?

Segundo o Rabino Simeão, os israelitas desejaram certificar-se de que a manifestação do Divino, com a qual haviam sido contemplados, provinha do Patriarca, do Escondido, do Transcendente, que estando acima de toda compreensão é denominado "ayin" (nada), ou se era derivada da "Aparência Menor", do Imanente, que é chamado YHVH. Eis por que, em lugar de aparecer a palavra "lo" (não), surge o vocábulo "ayin" (nada).

Pode-se perguntar por que então foram castigados os israelitas. A resposta é que eles estabeleceram distinção entre esses dois aspectos de Deus e com isso "tinham provocado o Senhor" (ibid), dizendo a eles mesmos: Caso seja o Ser Supremo, rezaremos de uma forma e adotaremos outra, diversa, caso seja o Outro.

SÁBADO

"Lembra-te de santificar o dia de sábado" (Êx, 20,8).

O Rabino Isaac disse: Está escrito "e Deus abençoou o sétimo dia" (Gên., 2,3); simultaneamente está escrito sobre o maná: "Durante seis dias juntá-lo-eis, mas o sétimo é o sábado e nele nada será feito" (Êx., 16,26). Que bênçãos pode trazer esse dia, no qual não há comida? Aprendemos que todas as bênçãos, tanto as superiores como as inferiores, decorrem do sétimo dia. Por que esse dia foi justamente o escolhido como substituto do maná?

É provável que a explicação esteja em que os seis "dias" do mundo transcendente recebem suas bênçãos do sétimo dia. Além do que é recebido no sétimo dia, cada um dos seis dias superiores envia alimentos para o mundo inferior. Cabe, então, a todos os que tenham atingido esse grau de fé preparar a mesa e a refeição da véspera do Sábado, para que a mesa seja abençoada por todos os demais seis dias. Isso ocorre porque, junto com a preparação do Sábado, prepara-se a bênção para todos os seis dias que virão. Como uma mesa vazia não atrai as bênçãos, deve-se provê-la com pão e outros alimentos na véspera do Sábado.

O Rabino Isaac acrescentou: E assim devemos agir no dia de Sábado.

O Rabino Judá disse: Nesse dia, devemos ingerir três refeições, para que o dia seja de repouso e satisfação.

O Rabino Abba falou: Isso deve ser feito de modo que os dias superiores recebam suas bênçãos do sétimo e possam ser eles também abençoados. Nesse dia, o orvalho que desce (cai) do Patriarca, do Todo-escndido,¹ enche a cabeça da "Aparência Menor"; ele o fez cair sobre o santo "Campo das Macieiras"² por três vezes, antes da chegada do Sábado, de maneira a que todos possam, unidos, gozar das bênçãos. Daí conclui-se que as três refeições do dia são necessárias não apenas para nós mesmos, mas para a criação inteira, pois é nesse sentido que se completa a verdadeira fé no Patriarca, na "Aparência Menor" e no "Campo das Macieiras" e em todos três deveríamos deleitar-nos e regozijar-nos. É como se aquele que se recusa a participar das três refeições, ofendesse e quebrasse a perfeição das regiões superiores...

¹ Ver a passagem "Dois Aspectos".

² "Campo das Macieiras" simboliza o círculo da Divina Presença.

Como o Sábado é o núcleo da fé, nesse dia o homem é contemplado com uma alma extra, superior, na qual tudo é perfeição, de acordo com os desígnios do mundo que há de vir.

Qual o significado da palavra Sábado? É o Nome do Ser Sagrado, o Nome da perfeita harmonia de todos os lados.

Disse o Rabino Yose: Na verdade é assim. Pobre daquele que não participa da alegria do Rei Sagrado! O que é, então, essa alegria? São as três refeições da Fé, as refeições de que participaram Abraão, Isaac e Jacó e mediante as quais as alegrias se acumulam como a fé perfeita que ocorre de todos os lados. Como fomos ensinados, nesse dia os pais são coroados e as crianças recebem inspiração de poder, luz e alegria, num grau muito maior do que é normalmente concedido em qualquer outro dia de festa. Nesse dia, os pecadores, reclusos no Gehinnom, descansam e toda punição é afastada do mundo. A Tora é coroada com coroas de perfeição; pelos 250 mundos reverberam a alegria e a felicidade. Em cada um dos seis dias da semana, na hora da oração da tarde, a força advém do julgamento inabalável e junto a ela permanece a retribuição. Já aos Sábados isso não ocorre assim. Quando chega o momento das orações da tarde, no Sábado o poder pertence às influências benignas, à bondade amorosa do Patriarca e todas as punições são suspensas, e por toda parte reinam a alegria e a satisfação. Foi nesse momento de satisfação e graça que o santo cheio de fé, o profeta Moisés, partiu desse mundo, de maneira que se soubesse que ele não estava sendo conduzido para ser julgado, e sim que sua alma ascendia na hora da graça do Patriarca para Nele ficar abrigada. Então, "... e ninguém jamais soube o lugar do seu sepulcro" (Deut., 34,6). Assim como o Patriarca é o Todo-escondido, desconhecido daqueles que estão acima ou abaixo, assim também foi escondida a alma

de Moisés na revelação, na oração de sábado à tarde, da graça de Deus. De todas as coisas escondidas nesse mundo, a alma de Moisés é a mais escondida e não pode ser julgada. Abençoado foi o quinhão de Moisés!

Nesse dia, a **Tora** é coroada em perfeita glória, em todos os seus mandamentos, em todos os seus decretos, em todos os seus castigos às transgressões: uma coroa de 70 braços, com luz irradiando de todos os lados. Há pequenos ramos que despontam de cada braço e cinco deles permanecem na própria Árvore, onde todos os ramos se comprazem! Os portões abrem-se de todos os lados, espalhando o esplendor e a glória da luz inesgotável! Ouve-se uma voz: Despertem, santos celestiais! Desperte, povo sagrado, escolhido acima e abaixo dos demais! Despertem todos em alegria para conhecer o seu Senhor, despertem em perfeita alegria! Aprontem-se na alegria triangular dos três patriarcas! Aprontem-se na Fé, alegria das alegrias! Ó israelitas, como vocês são felizes, santificados nesse mundo e no que há de vir! Acima de todas as nações pagãs, essa é a sua herança: — "um sianl entre Mim e Vós" (Êx., 31,13).

O Rabino Judá disse: Na verdade, assim é. Então: "Santifiquem o Sábado. Ele deve ser sagrado, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou sagrado" (Lev., 19,2); "Digam que o Sábado é maravilhoso e sagrado em honra do Senhor" (Isa., 58,13).

OS AMANTES DA **TORA**

Certa noite, os Rabinos Hiyya e Yose encontraram-se na Torre de Tira e realmente alegraram-se pela mútua companhia.

O Rabino Yose disse: Como é bom contemplar a face da Divina Presença! Enquanto percorria o

caminho até aqui, fui obrigado a suportar o palavreado do velho homem que conduzia o burro. Aborreceu-me com inúmeras perguntas tolas, como, por exemplo: Qual é a serpente que voa pelos ares, segurando entre os dentes uma plácida formiga? O que é que começa com união e termina com separação? Qual é a águia que tem o ninho em uma árvore que não existe e sua cria, ainda desplumada, em um lugar que não é? Quem são os que descem quando sobem e sobem quando descem? O que é que dois são um e um são três? Quem é a bela virgem que não tem olhos?¹ e um corpo oculto, embora revelado — oculto durante o dia, revelado pela manhã? — e enfeitado com ornamentos que não existem? Assim, ele passou o dia inteiro me aborrecendo. Mas, finalmente posso desfrutar de paz e tranquilidade e podemos dedicar-nos a discutir a **Tora**, em lugar de perder tempo com bobagens.

O Rabino Hiyya perguntou: Você já conhecia o velho homem? O Rabino Yose respondeu: Apenas sei que ele não tem nada dentro da cabeça; se tivesse, teria citado algumas palavras das Escrituras e não teríamos simplesmente perdido o tempo pela estrada.

Então o Rabino Hiyya perguntou: O velho homem está nessa casa? Por vezes um barco, aparentemente vazio, transporta grãos de ouro.

O Rabino Yose replicou: Sim, ele aqui está, pois ia providenciar forragem para seu burro.

Em seguida, eles o chamaram e o velho veio. Imediatamente exclamou: Agora, dois se converteram em três e os três em um! O Rabino Yose disse: Não lhe avisei que ele está totalmente louco? O ve-

¹ A frase também poderia ser interpretada como significando: A qual ninguém contemplou. A passagem seguinte interpreta-a dessa forma.

lho homem sentou-se e disse: Senhores, somente nesses últimos tempos tenho sido obrigado a conduzir um burro. Tenho um filho que está freqüentando a escola e gostaria de acompanhá-lo no estudo da **Tora**. Eis por que sempre que encontro um sábio em meu caminho eu o acompanho, esperando aprender com ele alguma novidade relativa à **Tora**. Infelizmente, hoje não consegui aprender nada.

O Rabino Yose falou: Uma coisa em particular, entre todas as que o escutei pronunciar, assombrou-me, por demonstrar enorme estupidez em um homem que tem a sua idade, a menos que você não soubesse sobre o que estava falando.

O velho homem disse: A que você se refere?

O Rabino Yose replicou: O que você disse sobre a bela virgem e tudo mais...

Nessa altura da discussão (nos paradoxos), o velho homem parou e então os dois rabinos se prostraram diante dele e, lamentando-se, disseram: Se tivéssemos vindo ao mundo apenas para ouvir essas suas palavras, já teria sido o suficiente.

Ele replicou: Companheiros, não foi apenas para dizer o que declarei até agora que participei dessa discussão com vocês, pois certamente um velho como eu dificilmente se deteria em uma só alocução, produzindo o ruído de uma única moeda em um jarro. Numa multidão de seres, há os que mergulham em confusão, sem poder encontrar o caminho da verdade que reside na **Tora**, e a **Tora**, amorosamente, convida-os a um diário encontro, mas eles lhe dão as costas. É assim como afirmei. A **Tora** proporciona uma palavra que sai direto do seu íntimo. Mas isso ocorre apenas com os que a compreendem e seguem seus preceitos.

A **Tora** pode ser comparada a uma bela donzela, recolhida a um quarto isolado do palácio, tendo um enamorado, sem que mais ninguém saiba. Por amor

a ela, o enamorado atravessa incessantemente o portão, procurando descobri-la por toda a parte. Ela tem medo que ele se perca para sempre dentro do palácio e, então, o que faz? Abre a pequena porta de seu quarto secreto e por breve instante mostra o rosto ao enamorado e rapidamente volta a fechá-la. Apenas ele a vê; e sente que foi por amor que ela se entremostrou naquele momento, e seu coração, sua alma, enfim, tudo nele clama por ela.

Assim ocorre com a **Tora**, que só revela seus segredos aos que a amam. Ela sabe que aquele que a ama rodeia seus portões dia e noite. E o que faz? De dentro de seu palácio, mostra-lhe a face e faz-lhe um sinal de amor e volta a recolher-se em seu recanto secreto. Apenas o eleito capta a mensagem e volta-se para ela com todo o coração, a alma, o ser inteiro. Dessa forma, por um instante a **Tora** descobre-se com amor aos seus enamorados, incentivando-os em seus sentimentos. Esse é o comportamento da **Tora**. A princípio, quando primeiro se revela a um homem, a **Tora** faz-lhe um discreto sinal. Se ele compreende, tudo bem; caso contrário, ela o intima, através de seus mensageiros, a quem recomenda: Digam àquele tolo que venha a mim e converse, tal como está escrito: "Ao que é tolo, chame-o mais para perto" (Prov., 9,4). E quando ele se acerca, a **Tora** começa a conversar com ele, primeiro velada pelo véu que envolve suas palavras, para que elas possam acomodar-se a sua forma de ser, de maneira que ele possa progredir gradualmente. Isso é conhecido como "derashah".¹ Depois, a **Tora** dirige-se a ele através de alegorias e enigmas, que são denominados "haggadah".

Quando, finalmente, eles chegam a bom termo, a **Tora** revela-se a ele sem véus e mantém uma con-

¹ Derivação das leis a partir da letra das Escrituras.

versa a respeito de seus mistérios secretos e de todos os caminhos secretos que estão escondidos em seu coração desde tempos imemoriais. Então, esse homem transforma-se num verdadeiro adepto da **Tora**, num "mestre da casa", pois a **Tora** lhe revelou todos os seus mistérios, sem esconder ou omitir qualquer deles. E lhe diz: Você percebe que o sinal, a insinuação que lhe fiz esconde inúmeros mistérios? E então ele compreende que não há nada que possa ser acrescentado às palavras da **Tora** ou dela subtrair, nem um sinal, nem uma só de suas letras.

Então, os homens deveriam perseguir a **Tora** com todas as suas forças, a fim de converter-se em seus enamorados, como demonstramos.

O DESTINO DA ALMA

Quando o Ser Sagrado, que seja abençoado, estava prestes a criar o mundo, decidiu moldar todas as almas que, na ocasião oportuna, seriam atribuídas aos filhos do homem e cada alma foi criada exatamente com o perfil do corpo ao qual estaria destinada. Examinando-as, Ele viu que entre elas algumas resvalariam pelo caminho do mal quando estivessem nesse mundo. No tempo oportuno, cada uma delas apresentou-se ao Ser Sagrado, que então lhes disse: Partam agora, desçam a tal e tal lugar, ocupem tal e tal corpo.

Mas freqüentemente a alma teria respondido: Senhor do mundo, estou feliz por permanecer nesses domínios e não tenho desejo de partir para algum outro lugar onde serei escrava ou me macularei.

Ainda assim, o Ser Sagrado teria respondido: O teu destino, decidido desde o dia em que foste criada, é partir para aquele mundo.

Então a alma, percebendo que não poderia desobedecer, embora contrariada descia a esse mundo.

A **Tora**, conselheira do mundo inteiro, viu isso e gritou para a espécie humana: Vejam como o Ser Sagrado tem piedade de vocês! Sem nada cobrar, enviou-lhes sua pérola mais cara, que vocês podem usar nesse mundo, que é a alma sagrada. — "E se um homem vende sua filha para que seja serva" (Êxod., 21,7) sendo isso o que ocorre ao Ser Sagrado quando lhes entrega a filha, a alma santa, para que seja sua serva, escravizada por vocês. Eu lhes imploro, quando chegar o momento, que "ela não parta como o fazem os servos do homem" (ibid), ou seja, maculada pelo pecado; mas que o faça em liberdade, luz e pureza, para que possam reencontrar seu Senhor e ser cobertas com as glórias do Paraíso, tal como está escrito: "E o Senhor... premiará tais almas com brilho" (Isa., 58,11), ou seja, se ela ascender àquelas esferas com brilho e pureza.

Mas, "caso ela não satisfaça a seu Senhor" (Êxod., 21,8), porque está maculada pelo pecado, então, aí do corpo, que será despojado de sua alma por toda a eternidade! Isso porque essas almas, que ascendem do mundo em condições de brilho e pureza, são postas no arquivo do Rei, cada uma delas com o seu nome. Ele então diz: Aqui está a alma de fulano; ela pertence ao corpo que deixou. Assim como está escrito: "Tomou-a em casamento para si mesmo" (ibid).

Mas, "caso ela não agrade a seu Senhor", o que significa, caso esteja maculada pelo pecado e por culpas, ele recusar-se-á a atribuir-lhe o mesmo corpo que antes lhe pertencia e então ela se verá privada dele para sempre, a menos que seu Senhor lhe conceda a graça de permitir-lhe ocupar outra vez o mesmo corpo (por transmigração), porque "então ele lhe permite redimir-se" (ibid), como está escrito: "Ele redimiu sua alma pela piedade" (Jó, 33,28). Isso sig-

nifica que ao homem está permitido redimir sua alma pelo arrependimento. Na verdade, há um duplo significado nas palavras "então ele permite que ela seja redimida", pois se referem à redenção da alma de um homem por seu arrependimento e, depois disso, à redenção de **Gehinnom** pelo Ser Sagrado, que seja abençoado.

"E se ele a toma como esposa para seu filho, tratá-la-á como a uma filha (Êxod., 21,9). Que cuidado deve ter um homem com sua alma, enquanto nesse mundo! Pois, caso ele evidencie merecimento nesse mundo, cuidando de sua alma com todas as precauções, então o Ser Sagrado ficará muito contente com ele e diariamente dirá sua prece, diante de sua família celestial, nesses termos: Vejam o filho santo que me pertence no mundo debaixo! Observem suas obras e a probidade de seus caminhos!

E quando essa alma parte desse mundo, pura, luminosa, imaculada, o Ser Sagrado diariamente a estimula a brilhar com intensidade e diz, com respeito a ela: Aqui está a alma de meu filho; preserve-mo-la para o corpo do qual se desligou.

Esse é o significado das palavras: "E se ele destiná-la ao seu filho, tratá-la-á como a uma filha". Qual o significado de "como a uma filha"? Esse é um segredo que apenas o sábio conhece. Há um palácio, conhecido como Palácio do Amor, assentado sobre uma grande pedra, no mais secreto firmamento. É aí que estão guardados os tesouros do Rei e todos os seus beijos de amor. As almas que são amadas pelo Sagrado entram nesse palácio e quando o Rei aparece, "Jacó beija Raquel" (Gên., 29,11), ou seja, o Senhor distingue cada alma santa e, trazendo-a até ele, beija-a e a acaricia, "tratando-a como a uma filha", como um pai age em relação à sua filha bem-amada, beijando-a, acariciando-a e acumulando-a de presentes.

SOFRIMENTO DE CRIANÇAS INOCENTES

Salomão disse: "Via ainda todas as opressões que se fazem debaixo do sol; eis as lágrimas dos que foram oprimidos, sem que ninguém os consolasse". (Ecl., 4,1).

Mas, como lhe seria possível ver a todos os que são oprimidos? É evidente que não; mas ele referia-se aos pequeninos que eram arrancados do seio materno. Na verdade, todos os que a esses se assemelham são oprimidos por todos os lados: acima, na esfera celestial, e abaixo, na terra. Ainda mais oprimidos são os que sofrem por força da hereditariedade e sobre os quais está escrito: "Vingo a iniquidade dos pais nos filhos, netos e bisnetos" (Êx., 20,5).

A criança, nascida de uma ligação adúltera entre um homem e a mulher de seu vizinho, que ele tenha clara ou secretamente roubado, receberá do Sagrado, apesar de tudo, um corpo e forma e então será verdadeiramente "um oprimido que como tal foi feito", isto é, a despeito da vontade do Todo-Poderoso. Refletindo sobre esse assunto, Salomão disse: Penso no destino doloroso desses oprimidos que foram "feitos" e nas lágrimas que derramam ante o Sagrado. Lamuriando-se, apresentam seu lamento a ele: Certamente todo aquele que peca deve morrer. Porém, ó Senhor do Universo, deve ser julgada uma criança recém-nascida? Estas "são as lágrimas dos que foram oprimidos sem que ninguém os consolasse".

Há diferenças entre as lágrimas que são derramadas. Por exemplo, há as lágrimas da criança fruto de um incesto. Tão logo nasça, será desligada da comunidade santa e o infeliz bastardo chora e geme ante o Sagrado; Senhor do mundo! Se aqueles que me conceberam pecaram, qual é a minha culpa? Eu sempre tive a intenção de executar boas obras diante de teus olhos!

Porém, mais doloroso é o lamento que cerca aqueles "seres oprimidos" que são arrancados ao seio materno. Na verdade, o mundo inteiro chora por causa deles; são incomparáveis as lágrimas desses bebês, pois provêm do mais recôndito do coração e fazem com que o mundo, perplexo, exclame: Eternamente justos são os julgamentos do Sagrado e todos os seus caminhos são caminhos de Verdade. Contudo, será necessário que esses infelizes infantes morram, apesar de não terem pecado ou mácula? Sendo assim, onde estão a justiça e o justo julgamento do Senhor do mundo? Se a sua morte é provocada pelo pecado de seus pais, então realmente eles morrem "sem que ninguém os consolasse".

Mas, na verdade, as lágrimas derramadas por esses oprimidos agem como uma petição e proteção para os viventes e por meio de sua inocência e pela eficácia de sua intercessão é preparado um lugar para eles, que se torna inalcançável até mesmo para os justos. Na verdade, o Sagrado ama a esses pequeninos, de uma forma única e incomparável. Ele os une a si e prepara-lhes um lugar bem junto dele. Sobre isso está escrito: "Da boca das crianças e dos pequeninos sai um cântico de louvor que confunde os vossos adversários" (Sl., 8,3).

OS TRÊS ASPECTOS DA ALMA

As almas possuem três nomes e graus: **nefesh** (alma vital), **ruah** (espírito) e **neshamah** (alma profunda, superalma). As três estão entrosadas uma dentro da outra, mas cada uma delas tem a sua morada.

Quando o corpo começa a decompor-se no túmulo e a transformar-se em pó, **nefesh** fica com ele e perambula sem destino pela terra, indo e vindo en-

tre os vivos, indagando de seus sofrimentos e intercedendo por eles em suas necessidades.

Ruah refugia-se no Jardim do Éden terrestre. Aí, esse espírito, desejando desfrutar das delícias do maravilhoso jardim, veste-se com um traje que se assemelha ao corpo que era a sua morada nesse mundo. Quando é Sábado, Lua Nova ou dias festivos, ascende à esfera superior, regalando-se com os encantos que aí encontra e depois retorna ao Jardim. Como está escrito: "E o espírito (ruah) retorna a Deus, que o formou" (Ecl., 12,7), isto é, nos feriados e datas já mencionados.

Mas **neshamah** ascende imediatamente ao seu lugar, no domínio de onde veio e é por ela que a luz está acesa, brilhando. Jamais retornará à terra. Em **neshamah** realiza-sé o Único que abarca todos os lados, o superior e o inferior. E até que **neshamah** ascenda para juntar-se ao Trono, **ruah** não poderá ser coroada no jardim inferior e **nefesh** não descansará em paz.

Agora, quando os filhos dos homens, estando preocupados ou tristes, apelam para os túmulos daqueles que já se foram, então **nefesh** desperta e estimula **ruah**, que acorda os patriarcas e em seguida a **neshamah**. Então, o Sagrado sente piedade pelo mundo.

Contudo, se **neshamah**, por qualquer motivo, for impedida de ascender ao seu lugar, então **ruah** esbarrará com o portão do Jardim do Éden fechado e, sem poder entrar, vagará sozinha e abatida; já **nefesh** vagará pelo mundo, e ao ver o corpo que era a sua morada sendo devorado pelos vermes e suportando o julgamento do túmulo, lamentará sua sina, como dizem as Escrituras: "É somente por ele que a sua carne sofre; sua alma só por ele se lamenta" (Jó, 14,22).

Assim, as três devem suportar inúmeros sofrimentos até que **neshamah** seja considerada apta

para ocupar o seu próprio lugar; então, as outras duas também ocuparão seus lugares de direito. Isso acontece porque as três são uma só, compondo uma unidade, reunidas por um laço místico.

SERVI AO SENHOR COM ALEGRIA

Era dever do Sumo-Sacerdote entrar no templo com alegria e quando permanecia em Sua presença, naquele lugar sagrado, tudo o que estivesse em torno dele deveria expressar alegria. Pois está escrito: "Servi ao Senhor com alegria; entrai exultando em Sua presença" (Sal., 99,2). Não há lugar para a tristeza entre os servos do Senhor.

Poderíamos perguntar: se um homem se encontra profundamente preocupado e mergulhado em melancolia, com o coração pesado e, por causa de suas tribulações, sente a necessidade premente de buscar conforto junto ao Rei celestial, deve desistir de rezar por estar triste? Que deve fazer, se não pode evitar que seu coração esteja pesado?

Eis a resposta: "a partir do dia da destruição do Templo, todos os portões do céu foram fechados, o mesmo não ocorrendo aos portões das lágrimas",¹ que são a expressão do sofrimento e da tristeza. De pé, atrás dos portões das lágrimas, certamente permanecem seres celestiais e eles rompem as barras e trancas de ferro e permitem que as lágrimas entrem, de forma que os pedidos dos suplicantes sigam seu curso e cheguem ao Santo Rei e o lugar da Divina Presença enche-se da aflição daquele que reza, conforme está escrito: "E fez-se seu salvador em todas as suas aflições" (Is., 63,9)...

i Talmude, Berakhot, 32b.

E quando o Rei, ao entrar no lugar da Presença, a encontra em sofrimento, então todos os seus desejos são atendidos. Por essa razão a súplica dos que sofrem não deixará de ser atendida, pois o Sagrado deles se compadece. Abençoado é o homem que derrama lágrimas enquanto ora ao Sagrado!

AS ESTRELAS

Certa ocasião, estavam os Rabinos Eleazar e Abba, ao cair do crepúsculo, sentados num jardim que ficava perto do Lago Tiberíades, quando viram duas estrelas que corriam uma em direção à outra, vindas de diferentes pontos, e que, ao se encontrarem, desapareceram.

O Rabino Abba observou: Como são grandes as obras do Sagrado, tanto no céu como na terra! Quem sabe explicar como essas duas estrelas, vindas de pontos distintos, se encontraram e desapareceram?

O Rabino Eleazar respondeu: Nem seria necessário ver essas duas estrelas para refletir sobre elas, pois já estávamos ponderando sobre as duas, assim como sobre a imensidão das grandes obras que o Sagrado sempre está realizando.

Então, citou: "Grande é o Senhor nosso e poderosa a sua força; sua sabedoria não tem limites" (Sal., 147,5) e prosseguiu: Na verdade, grande, poderoso e sublime é o Senhor. Mas, já que sempre soubemos de sua força e poder infinitos, que nova homenagem é prestada ao Senhor pelas palavras de Davi?

No entanto, devemos observar que em outra passagem dos Salmos ele diz: "Grande é YHVH" (Sal., 145,3), enquanto que nessa, diz: "Grande é o Senhor nosso" (adonenu). Qual seria a razão? Porque quando diz: "Grande é YHVH é sumamente louvável"

(Sal., 145,3), refere-se ao sumo grau, enquanto que aqui se refere a um grau menos elevado: "Grande é o Senhor nosso", correspondendo "ao Senhor **(adon)** de toda a terra" (Josh, 3,13). O que diz o versículo anterior? "É ele quem fixa o número de estrelas e designa cada uma por seu nome" (Sal., 147,4). Ainda que juntássemos todos os homens, desde o primeiro, exigindo que contassem o número de estrelas, não teríamos êxito, pois está escrito: "Levanta teus olhos para os céus e conta as estrelas, se és capaz..." (Gên., 15*5). E sobre o Sagrado está dito: "É ele quem fixa o número de estrelas e designa cada uma delas por seu nome". Por que é assim? A única razão é que "Grande é o Senhor nosso e poderosa a sua força; sua sabedoria não tem limites". Como as estrelas são incontáveis (exceto para ele), compreende-se que a sua sabedoria também seja ilimitada.

Observe, também, que está escrito: "Aquele que põe em marcha o exército completo e a todos chama por seu nome" (Is., 40,26). O Sagrado faz marchar os exércitos, os partidários e as estrelas e cada um é chamado pelo nome e "nenhum falta ao chamado" (ibid). Acima de todas as estrelas e constelações dos céus estão os chefes, líderes e ministros e lhes convém prestar serviço ao mundo, cada qual dentro de sua função específica. Até o mais ínfimo dos vegetais da terra tem a sua estrela reservada nos céus. Da mesma forma, cada uma das estrelas tem acima de si um ser, designado para representá-la, de acordo com a ordem estabelecida.

Todas as estrelas do firmamento agem como guardiãs deste mundo, sendo que cada objeto tem a sua estrela individual especialmente destacada para cuidá-lo. As ervas e as árvores, a grama e as plantas selvagens precisam da força das estrelas para florescer e crescer, e são elas, as estrelas, que as sustentam e cuidam diretamente, cada qual a seu modo

Grande número de planetas e estrelas de todas as espécies aparecem no começo da noite e brilham até duas horas e quarenta e cinco minutos depois da meia-noite. Depois disso, apenas um pequeno número delas ainda é visível. Há um propósito para que todas as estrelas brilhem e sirvam. Algumas têm o dever de brilhar a noite inteira, para fazer brotar e florescer as plantas que estão sob sua guarda. Outras dão início às suas atividades com a chegada da noite e observam o ser sob sua guarda até meia-noite. Outras ainda, quando surgem e permanecem em contato com a planta que influenciam, completam rapidamente a sua tarefa especial cada noite. Assim ocorre com as estrelas que vemos aparecer brevemente. Quando já cumpriram o seu dever, essas estrelas desaparecem do mundo, subindo para os lugares que lhes foram designados.

O livro da sabedoria máxima do Este conta-nos das estrelas com caudas, dos cometas, que dominam e dirigem o crescimento de certas ervas terrestres, conhecidas como "elixires da vida" e influenciam também o crescimento de pedras preciosas e ouro a serem encontrados sob águas rasas e no âmago das altas montanhas. O crescimento dessas coisas é provocado pelo relâmpago de sua cauda luminosa, depois que essas estrelas cruzam o firmamento.

Da mesma forma, certas doenças dos seres humanos, como, por exemplo, a icterícia, podem ser curadas, caso um aço de grande brilho reluzir, rapidamente, para trás e para frente, diante dos olhos do doente, como se fosse a cauda de um cometa dando os raios de luz em sua face. Também é verdade que sem a luz dos cometas atravessando as coisas que se encontram sob a sua influência, essas não podem florescer e crescer, pois é essa luz que torna possível renovar as suas cores e revigorá-las como necessário. Essa verdade também está demonstrada no livro do Rei Salomão que, tratando da ciên-

cia das pedras preciosas, afirma que qualquer dessas pedras terá o seu desenvolvimento interrompido, jamais atingindo a sua mais perfeita forma, caso a luz e o brilho de certas estrelas não puderem chegar até elas.

Assim, o Sagrado organizou todas as coisas de forma a fazer o mundo perfeito e cheio de esplendor e está escrito que as estrelas foram feitas "para iluminar a terra" (Gên., 1,17) e todas as coisas necessárias à perfeição do mundo".

UMA EXPLICAÇÃO ALEGÓRICA DE JONAS

A história de Jonas pode ser interpretada como uma alegoria sobre a vida de um homem nesse mundo. Jonas desce ao navio: isso é um paralelismo com a descida da alma para habitar o corpo do homem nesse mundo. Por que a alma é chamada de Jonas? Porque, ao tornar-se parceira do corpo, ela se converte em objeto de toda espécie de vexame. Assim, um homem está nesse mundo como que num navio, atravessando o vasto oceano e a ponto de partir-se, como está escrito: "que a embarcação ameaçava despedaçar-se" (Jon., 1,4).

O homem, nesse mundo, transgride porque imagina que o Mestre possa estar desatento, tornando-se, portanto, possível enganá-lo. Por essa razão, o Todo-Poderoso envia uma violenta tempestade, isto é, o julgamento de um homem que está sempre na presença do Sagrado e implacavelmente busca a sua punição. É então que se levanta contra o navio e, lembrando-se dos pecados do homem, surpreende-o. O homem, presa da tempestade, é dominado pelo medo, assim como Jonas "tendo descido ao porão do navio, deitara-se ali e dormia profundamente" (ibid,

1,5). Embora o homem caia por terra, sua alma não faz qualquer movimento para retornar ao Mestre e pagar os seus pecados. Conseqüentemente, "o capitão veio até ele", isto é, ele que é o timoneiro de tudo e a Boa Inclinação "e disse: Dormes? Que fazes aqui? Levanta-te e invoca o teu Deus" (ibid, 1,6); esse não é o momento para dormir; você está a ponto de ser levado a julgamento por todos os seus atos nesse mundo. Arrependa-se de seus erros. Curve a cabeça e volte ao seu Mestre.

"Qual é a tua profissão?", ou seja, o que você faz nesse mundo? Confesse-o agora, perante o seu Mestre; "de onde vens", ou seja, de uma posição ínfima e por isso abstenha-se de ser arrogante diante Dele. "Qual é o teu país?" — lembre-se que você veio do pó e ao pó voltará; e "a que raça pertences?" (ibid, 1,8), ou seja, pense na proteção que você pode esperar, em função dos méritos de seus ancestrais.

Quando ele é conduzido ao tribunal celestial para ser julgado, a tempestade, que na verdade era a sentença que o censurava severamente, chama o Rei para punir os seus prisioneiros. Então, os conselheiros do Rei entram antes dele e o tribunal está formado. Alguns advogam em favor do acusado, outros contra ele. Se o homem é considerado culpado, como o foi Jonas, então "os homens remavam para ver se conseguiam ganhar a costa, mas foi em vão"; por isso, os que intercedem por ele apresentam argumentos a seu favor e procuram levá-lo de volta a esse mundo, mas falham em seus intentos; "porque o mar se embravecia cada vez mais contra eles" (ibid, 1,13), isto é, a acusação contra ele ergue-se com fúria ainda maior, subjuga a defesa e o homem é julgado culpado de todas as suas transgressões. Logo em seguida, três emissários escolhidos descem sobre ele. Um deles segura uma balança com todas as boas e más ações daquele homem nesse mundo; o outro faz o cálculo dos seus dias e o terceiro é

aquele que esteve com o homem desde quando ele ainda se encontrava no ventre materno.

Como está dito, o julgamento só se acalmou quando "eles tomaram Jonas" (ibid, 1,15), ou seja, quando conduziram o homem de sua casa para o túmulo. Nesse momento, é lançada uma proclamação a seu respeito, dizendo se levou uma vida de retidão: Honra a imagem do Rei! "(ele) é arrebatado para entrar na paz; repousam em seus leitos aqueles que seguiam o caminho reto" (Isa., 57,2). Porém, quando morre um homem fraco, a proclamação é bem diversa. Ai desse homem, melhor que não tivesse nascido! A respeito de tais homens, está escrito: "lançaram-no às ondas e a fúria do mar logo se acalmou" (Jon., 1,15) o que significa que a fúria do julgamento só cessará quando eles o tiverem baixado ao túmulo, que é o lugar do julgamento. E, na verdade, o peixe que engoliu Jonas é a sepultura e "Jonas estava no ventre do peixe" (ibid, 2,1) o que corresponde ao "ventre do mundo que há de vir", como se vê pela passagem "clamei a vós do meio da morada dos mortos" (ibid, 2,3).

"Três dias e três noites" (ibid, 2,1): isso significa os três dias que o homem permanece no túmulo, antes que seu ventre arrebente. Ao fim de três dias, seu corpo apodrecido lhe é lançado ao rosto, dizendo: Receba de volta tudo quanto você pôs em mim; todos os dias você comeu e bebeu, sem jamais dar um pouco aos pobres; seus dias eram todos como festas e feriados, mas os necessitados não compartilharam a sua comida e ficaram famintos. Receba de volta tudo quanto você pôs em mim...

E passados outros três dias, o homem é punido em cada um de seus órgãos, em seus olhos, suas mãos, seus pés. Durante trinta dias, corpo e alma sofrem as punições. Por isso, durante esse tempo a alma fica na terra e não ascende à sua esfera, tal

como a mulher é isolada durante o período de sua impureza.

Então, a alma eleva-se e o corpo continua a decompor-se na terra, onde permanecerá até que chegue a hora de o Sagrado despertar os mortos. Nessa hora, será ouvida uma voz em todas as sepulturas, dizendo: "Que despertem e cantem aqueles que jazem sepultos, porque vosso orvalho é um orvalho de luz e a terra restituirá o dia às sombras" (Is., 26,19). Assim será quando o Anjo da Morte desaparecer da terra, pois está escrito: "e fará desaparecer a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces e retirará da terra o opróbrio que pesa sobre seu povo" (Is., 25,8).

É a esse acontecimento que se referem as palavras: "Então, o Senhor ordenou ao peixe e esse vomitou Jonas na praia" (Jon., 28,11); quando os sepulcros escutarem a trombeta daquela voz, prontamente lançarão fora os corpos que neles jazem. E os mortos retomarão as suas formas corpóreas primitivas, como mostra a palavra "refaim" (sombras) a qual está ligada a "rafab" (cura)...

Eis então que a história do peixe guarda palavras de consolo para todos. O peixe só engoliu Jonas depois que ele havia morrido e logo três dias depois de morto foi devolvido à vida e lançado para fora. Assim também a terra de Israel, no futuro, será despertada no princípio para a nova vida e então "a terra restituirá o dia às sombras".

LEVÍTICO

NÚMEROS

DEUTERONÔMIO

EXÍLIO E REDENÇÃO

Certa vez, quando passeavam os Rabinos Aha e Judá, esse disse: Aprendemos que a Virgem de Israel¹ é sete vezes abençoada e a seu respeito dizem as Escrituras: "Ouvi essas palavras, essa lamentação² que vou pronunciar sobre ti, casa de Israel: Caiu e não se levantará mais a Virgem de Israel" (Amós, 5,2). Na verdade, esse último verso tem sido interpretado por todos os Companheiros como sendo uma mensagem de conforto³. Entretanto, isso é pouco provável, já que a referência do profeta é a uma lamentação.

O Rabino Aha respondeu: A mesma dificuldade tem-me deixado acabrunhado: fui procurar o Rabino Simeão. Estava muito atormentado.

Ele observou: Seu rosto demonstra que algo perturba a sua mente.

Disse eu: É verdade, minha cabeça acha-se tão confusa quanto o meu rosto.

Ele perguntou-me: O que o aflige?

Respondi: Está escrito: "Caiu e não se levantará mais a Virgem de Israel". Se a esposa de um homem o abandona porque ele sente raiva dela, isso

¹ A Divina Presença como corporificação mística da Comunidade de Israel.

² Esse verso, que não se encontra em nossas Escrituras, é aparentemente uma paráfrase de Ezequiel, 19,1: Faze ouvir o cântico fúnebre que aí vai, acerca dos príncipes de Israel".

³ No Talmude, Berakhot 4b, o verso é assim interpretado: "Ela caiu, mas não mais cairá; levanta, ó Virgem de Israel".

significa que não mais retornará? Então, pobres das crianças que deverão ir com ela!

Ele retrucou: Não foi suficiente a explicação dada pelos Companheiros?

Respondi: Ouvi que disseram ser uma mensagem de conforto, mas isso não me satisfaz.

Disse ele então: A explicação dos Companheiros está certa, contudo ainda deve ser dito mais. Ai da geração que necessita um pastor, quando a ovelha vagueia sem destino. É verdade que esse verso precisa de um entendimento; contudo, para quem interpreta a Tora corretamente, ele é bastante claro. Venha e veja. Todos os outros exílios de Israel tiveram um período estabelecido e, ao seu término, Israel retornava a Deus e a Virgem de Israel retomava o seu lugar. Esse último exílio será diferente e não mais voltará como antigamente, como diz o verso: "Caiu e não mais se levantará a Virgem de Israel". Observe que não está escrito: "Eu não mais a levantarei".

Pense em um rei que, zangado com a sua rainha, afasta-a de seu palácio por determinado período. Esse tempo transcorre e ela prontamente volta ao rei. Então, novamente ela é afastada por um período dessa vez mais prolongado. Disse o rei: Agora não é como antes, quando ela voltou para mim. Dessa vez, sairei, com todos os que me seguem, a buscá-la. E, quando a encontrou, ela estava caída na poeira. Vendo-a tão esmagada e desejando-a uma vez mais, o rei tomou-a pela mão, levantou-a e levou-a de volta ao palácio e jurou que não mais a mandaria embora.

Assim também ocorre com a Comunidade de Israel. Sempre que se encontrava exilada, retornava ao Rei, no tempo marcado. Agora, nesse exílio, o Sagrado irá buscá-la e a levantará pela mão. Fará com que se levante, confortá-la-á e a conduzirá de volta ao seu palácio. Pois está escrito: "Naquele dia, le-

vantarei a cabana arruinada de Davi" (Amós, 9.11) e a "cabana de Davi" é o mesmo que dizer a Virgem de Israel.

Disse o Rabino Judá: Na verdade, você confortou-me e alegrou-me, pois é essa a concepção verdadeira. Traz-me à lembrança uma idéia semelhante, que eu havia esquecido, algo que o Rabino Yose disse, sobre o fato de que o Sagrado proclamará, em um tempo futuro, em atenção à Comunidade de Israel: "Sacode a poeira que te cobre, levanta-te, Jerusalém, e reina" (Is., 52,2), da mesma forma que um homem faz com seu vizinho ao dar-lhe a mão, dizendo: Venha, acalme-se.

Disse o Rabino Aha: Todos os profetas empregam o mesmo gênero de discurso. Está escrito: "Levanta-te, sê radiosa, eis aí a tua luz" (Is., 60,1), o que quer dizer que o Rei está a ponto de se reconciliar com ela. E mais, "eis que vem a ti o teu rei" (Zac., 9,9), significando que ele virá para levá-la e confortá-la, para ajudá-la em tudo e levá-la de volta ao seu palácio para desposá-la para sempre, como está escrito: "Desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura" (Os., 2,21).

COMO APRESENTAR-SE A DEUS

Pregando a respeito do seguinte texto: "Servi o Senhor com alegria. Entrai exultando em sua presença (Sl., 100,2), disse o Rabino Judá: Aprendemos que o serviço do Senhor é imperfeito se não for executado com alegria e zelo. Mas, o que acontece ao homem que peca contra os mandamentos da lei e como penitência oferece um serviço a Deus? Com que semblante comparecerá perante Deus? Na verdade, ele está com o coração triste é o espírito em

contrição. Como, então, mostrará alegria e cantará? No entanto, a verdade é que os sacerdotes e os Levitas agiam assim; era o sacerdote o encarregado de fazer a reproximação, pois ele estava isento de castigo e sempre inclinado a demonstrar um semblante feliz, mais do que qualquer outro. Os Levitas executavam os cantos, pois essa era a sua função. O sacerdote era encarregado, pelo homem, e com palavras adequadas unificava o Nome Santo em alegria, ao mesmo tempo que os Levitas cantavam.

Mas, nesses dias sem oferecimentos, como deverá esse homem manifestar alegria e júbilo, se se apresenta ao seu Mestre com o coração pesado e cheio de tristeza, em lágrimas e contrição? A resposta baseia-se em um segredo. Aprendemos que o homem deverá ir à sinagoga, até a distância de duas portas, e, então, rezar. Essa é uma referência às palavras de Davi: "Levantai, ó portas, os vossos din-téis" (Sl., 24,7). Tais portas são de dois graus e encontram-se bem no interior; são elas a Misericórdia (hesed) e o Medo (pahad), em sua origem e eles são os portões do mundo (mais interior). Uma vez em oração, deve o homem fixar seu pensamento no Sa-grado dos Sagrados e então proferir a sua prece.

A mesma lição aprende-se aqui: Alegria é um nome secreto da Comunidade de Israel e dia virá em que Israel sairá do exílio por força da alegria, como está escrito: "Sim, partireis com júbilo" (Is., 55,12) e por essa razão está dito: "Servi o Senhor com ale-gria". Diz, também, "Vinde à Sua presença em jú-bilo". Esta é a alegria completa, com os corações fe-lizes e as bocas entoando cânticos.

Assim, vemos que esse é o caminho do encontro entre o homem e seu Mestre, pois então lhe poderá ser dito: "Sabei que o Senhor é Deus" (Sl., 100,3); descansará nele para unificar o Nome Santo, fazendo dos dois um e esse é o verdadeiro serviço do Sa-grado.

HINOS NOS CÉUS

"Quando tiver saído, irá para o altar que está diante do Senhor" (Lev., 16,18). Com relação a essa passagem, citou o Rabino Judá o seguinte versículo: "Falou o Senhor Deus e convocou toda a terra, desde o Levante até o Poente" (Sl., 50,1).

Ele disse: Foi-nos ensinado que, ao amanhecer, um coro de 1550 miríades entoava hinos a Deus; ao meio-dia esse coro é de 1548 e ao entardecer são 1590 miríades.

O Rabino Yose comentou que ao nascer o dia todas as hostes celestiais, conhecidas como "senhores da aclamação", saúdam-no com expressões de louvor, pois todos estão jubilosos e o julgamento acha-se iluminado. Nesse momento, o mundo regozija-se e é abençoado; o Sagrado desperta Abraão (símbolo da Misericórdia), com ele mantendo alegre diálogo e permitindo que ele controle o mundo. Mas, na hora conhecida como "entre as tardes", os anjos chamados "senhores do clamor" elevam suas vozes e por toda parte prevalece a discórdia. Então, o Sagrado, convidando Isaac (símbolo do Julgamento Inflexível), levanta-se e vai julgar os transgressores dos preceitos da lei. Surgem sete rios de fogo que cairão sobre as cabeças dos iníquos. Agora, Abraão afasta-se, o dia parte e no Gehinnom os malfeitores, gemendo, gritam: "Desgraçados somos nós! O dia cai e estendem-se as sombras da noite" (Jer., 6,4).

Por isso, nessa hora, um homem deve cuidar para não se esquecer de fazer a sua oração da tarde. Com a chegada da noite, são chamadas para fora as outras 1548 miríades e elas cantam hinos, onde as punições do mundo que há de vir são despertadas e cogitam sobre o mundo, entoando louvores até a meia-noite. Então, tendo o vento norte se agitado

e partido, todos os remanescentes se reúnem para cantar Salmos, até que amanheça e a alegria e bênçãos recaiam sobre a terra.

COMUNIDADE SANTA

O Rabino Abba citou: "E quem é como teu povo, como Israel, uma nação única na terra?" (II Sam., 7,3). Ele disse: Deus escolheu Israel dentre todos os povos para estabelecê-lo no mundo como nação única e, a partir de seu próprio nome, chamou-a "nação única". Para coroá-los, deu-lhes uma série de preceitos e com eles os amuletos da cabeça e do braço que fazem com que um homem seja único e completo. É somente quando está completo que um homem se torna "único". Da mesma forma, Deus só é chamado "Único" quando se completa com os patriarcas e a Comunidade de Israel.

Deste modo, assumindo seus amuletos e os envolvendo no manto da oração, o povo israelita é coroado de maneira celestial, com coroas sagradas e é chamado "único". Portanto, é justo que o Único se voltasse e lhe desse atenção.

Quando um homem é considerado "único"? Quando ele é simultaneamente macho e fêmea e está altamente santificado e ansioso pela santificação. Então, e somente então, ele pode ser chamado único, sem mácula de qualquer espécie. Por essa razão, um homem e sua esposa devem ter uma única inclinação na hora de sua união e o homem deverá alegrar-se em sua esposa, unindo-se a ela com afeição. Assim unidos, constituem uma só alma e um só corpo: uma só alma através da sua afeição e um só corpo, pois somente quando o homem e a mulher estão unidos é que formam um só corpo. Aprendemos que quando

um homem não está casado, ele está dividido em dois. Mas quando macho e fêmea estão unidos, Deus habita o "único", dotando-o de um espírito santo e, como foi dito, são chamados "as crianças do Sagrado".

O AMOR DE DEUS

O Rabino Abba refletiu sobre o versículo: "Olhai-me e tende piedade; dai ao vosso servo a vossa força" (Sl., 86,16).

Disse: Isso quer dizer que Davi era o mais belo a quem Deus podia dirigir-se? Significa que Deus, como já aprendemos, possuía um outro Davi que comandava infinitas legiões e hostes celestiais e desejando conferir sua graça ao mundo, Deus volta um semblante sorridente para esse "Davi" (a Presença Divina), que, então, por força de sua beleza, ilumina o mundo, enchendo-o de graça. Sua cabeça é um crânio dourado, adornado com sete ornamentos de ouro. Deus o ama muito e ensinou-o a voltar-se e olhá-lo com seus insuperáveis olhos serenos quando o coração de Deus se sente atravessado por dardos de celestial afeição. Foi por causa desse Davi celestial e gracioso, objeto do amor e desejo de Deus, que Davi disse: "Olhai-me e tende piedade".

Assim foi que Isaac disse a Jacó: "Sim, o odor de meu filho é como o odor de um campo que o Senhor abençoou" (Gên., 27,27). Aprendemos que foi assim, pois o Jardim do Éden acompanhava Jacó quando ele entrava. Podemos perguntar: Como poderia o Jardim do Éden entrar com ele, tendo tal comprimento e largura e inúmeras seções e moradas? Na verdade, Deus possui outro jardim separado. Tem uma especial afeição por ele e cuida dele

pessoalmente, encarregando-o de acompanhar os justos sempre. Foi esse o jardim que entrou com Jacó.

Do mesmo modo, quando a história diz que toda a terra de Israel veio e se colocou sob Abraão,¹ isso significa uma outra terra que Deus possui, uma terra celestial e santa, que também é conhecida como "a terra de Israel". Essa terra de Israel repousa sob a morada mística de Jacó e Deus, em seu grande amor por eles, deu-a a Israel para estar com eles, guiá-los e guardá-los. É conhecida como "a terra dos viventes".

A ROSA DE SARON

Discorrendo sobre o versículo: "Sou a Rosa (narciso, na Bíblia) de Saron, o lírio dos vales" (Cânt., 2,1), disse o Rabino Simeão: o Sagrado nutre um grande amor pela Comunidade de Israel. Por conseguinte, louva-a constantemente e ela entoia seus louvores com cânticos e hinos que guarda para o Rei.

A Comunidade de Israel é chamada a Rosa de Saron porque floresce esplendidamente no Jardim do Éden; porque é seu desejo ser regada pelo mais profundo córrego que é a fonte de todos os rios espirituais; é chamada lírio dos vales, por ser encontrada nos lugares mais profundos.

No princípio, ela é uma rosa de pétalas amareladas e depois se converte em um lírio de duas cores, branco e vermelho, um lírio de seis pétalas, mudando de um matiz ao outro. É chamada "rosa" quando está prestes a encontrar-se com o Rei e, já que estão juntos, passa a ser chamada de lírio.

¹ De acordo com o Midrash, no Gên., 13,15.

A ÁRVORE DA VIDA

Observe o seguinte: Deus, ao fazer o homem e cobri-lo de grande honra, encarregou-o de juntar-se a ele, de forma a que fossem unos, com um só coração, unido ao Único pelo laço da fé de propósito idêntico, que congrega a todos. Mais tarde, o homem abandonou a estrada da fé e deixou para trás a árvore especial que sobressai às demais e uniu-se ao lugar que está constantemente mudando de uma cor para outra, do bem para o mal e desceram do alto para a incerteza desse mundo e desertaram o Único supremo e imutável. Uma vez que o seu coração está sempre oscilando entre o bem e o mal, faz com que às vezes mereça misericórdia, outras, punições, dependendo da tendência que apresente naquele momento.

O Sagrado disse: Homem, abandonaste a vida e buscaste a morte; em verdade, a morte espera por ti. E assim foi decretada a morte para ele e para o mundo todo.

Porém, se Adão transgrediu, qual foi o pecado do resto do mundo? Sabemos que nem todas as criaturas comeram do fruto proibido. Ocorreu que, enquanto Adão permaneceu honesto, todas as criaturas o observavam e, com medo, seguiam-no como escravas. Por isso, quando lhes dizia: Venham, curvem-se diante do Senhor que nos fez — elas obedeciam rapidamente. Mas, ao ver que ele havia abandonado a obediência, ainda assim o seguiam. É nesse sentido que ele trouxe a morte para si e para o resto do mundo.

Adão mudava constantemente de lugar e de cor, do bem para o mal, do mal para o bem, da agitação para o repouso, da condenação para a misericórdia, da vida para a morte. Jamais se achava compatibilizado com uma delas, por causa dos efeitos desse lugar, conhecido como "a espada flamejante que lança

tudo fora" (Gên., 3,24) de uma direção para a outra, do bem para o mal, da misericórdia para o julgamento, da paz para a guerra.

Contudo, o Rei supremo, compadecido de suas obras, avisou-lhes, dizendo-lhes: "Mas não comas do fruto da árvore da ciência do bem e do mal" (Gên., 2,17). O homem, assim como sua mulher, não deu atenção às palavras de Deus e foi banido para sempre, já que a mulher pode vir a esse lugar, mas não passar dele e por sua causa foi decretada a morte para todos. Mas, nos dias que virão, "os dias de meu povo serão como os dias da árvore" (Isa., 65,22), como daquela árvore especial que conhecemos. A respeito desse tempo, está escrito: "E fará desaparecer a morte para sempre. O Senhor Deus enxugará as lágrimas de todas as faces" (Is., 25,8).

O SIGNIFICADO OCULTO DA **TORA**

O Rabino Simeão disse: Caso um homem encare a **Tora** apenas como um livro que apresenta narrações e assuntos comuns do dia-a-dia, pobre dele! Essa **Tora**, apenas dedicada a assuntos corriqueiros, ainda que excelente, poderia ser consultada por qualquer um. E mais, há outros livros, ainda melhores, no sentido de dominarem as regras do universo. Mas a **Tora** encerra, em todas as suas palavras, verdades supremas e segredos sublimes.

Vejam como se acham perfeitamente equilibrados os mundos superior e inferior. Aqui embaixo, Israel é controlado pelos anjos que estão acima, sobre os quais está escrito: "quem converteu os teus anjos em ventos" (Sl., 104,4). Quando os anjos descem à terra, usam paramentos terrenos para poderem subsistir nesse mundo. Mas se isso sucede aos anjos, o que dizer sobre a **Tora**? Foi a **Tora** que criou

todos os anjos e todos os mundos e tudo se mantém por causa dela. O mundo não suportaria a **Tora** se essa não usasse os ornamentos do mundo.

Assim, pois, as fábulas contadas na **Tora** correspondem a suas vestimentas exteriores e pobre do homem que as vê como se fossem a própria **Tora**, pois esse homem será despojado de uma parte do que lhe cabe no mundo que há de vir. Pois Davi disse: "Abre os meus olhos para que eu possa perceber o que está por trás da Tua lei" (SL, 119,18), ou seja, as coisas que estão subentendidas. Vejam agora. A parte mais visível de um homem são as roupas que ele veste e aqueles que têm uma pequena compreensão, ao verem o homem, só enxergam as suas roupas. Entretanto, na realidade, é o corpo do homem que constitui o suporte para as roupas e sua alma é o suporte de seu corpo.

Assim ocorre com a **Tora**. Suas narrações, que se referem a assuntos do mundo, constituem os paramentos que envolvem o corpo da **Tora**; e esse corpo é formado pelos preceitos da **Tora**, **gufey-torah** (corpos, princípios mais importantes). As pessoas de pouco entendimento percebem apenas as narrações, os paramentos. Aqueles que têm profundidade maior, percebem também o corpo. Mas os que são verdadeiramente sábios, aqueles que servem ao mais alto Rei e estiveram no Monte Sinai, percorrem o caminho inteiro até encontrar a alma, a verdadeira **Tora**, que é a raiz de tudo. Esses mesmos, no futuro, estarão aptos a penetrar na verdadeira alma da alma da **Tora**.

Vejam, pois, como é exatamente igual no mundo superior, com vestimentas, corpo, alma e superalma. As vestimentas exteriores são os paraísos e tudo o que neles existe, o corpo é a Comunidade de Israel, que é o recipiente da alma, a qual, por sua vez, é a "Glória de Israel" e a alma da alma é o Antigo

Ser Sagrado. Todos esses elementos se concentram uns nos outros.

Pobres dos pecadores que encaram a **Tora** como simples contos referentes às coisas desse mundo, vendo, pois, apenas as vestimentas exteriores. Mas os justos que logram penetrar na verdadeira **Tora** são felizes. Assim como o vinho deve, para se conservar, permanecer em uma jarra, assim também a **Tora** necessita das vestimentas exteriores. Estas vestimentas são constituídas pelos contos e histórias; mas de nós exige-se que penetremos para além delas.

TEXTOS

Os numerais romanos e a paginação referem-se às edições padronizadas do Zoar que acompanham a primeira edição — Mântua, 1558-60.

- 27: O Começo, I. 15 a
- 28: O Universo: Concha e Semente, I. 19 b
- 29: A Primeira Luz, I. 31 b
- 31: Criação do Homem, I. 34 a
- 34: Homem e Mulher, I. 49 b
- 38: Fogo Consumidor, I. 50 b
- 42: A Morte, I. 57 b
- 42: Os Três Fios do Espírito, I. 62 a
- 44: O Mais Alto Grau de Fé, I. 83 b
- 45: Meia-noite, I. 92 b
- 48: A Bênção de Jacó, I. 146 a
- 51: Maior do que José, I. 201 b
- 52: O Grande Banquete, I. 217 b
- 60: A Morte de Jacó, I. 221 b
- 70: Um Selo em Teu Coração, I. 244 b

- 77: Os Dez Sefirot, II, 42 b
- 81: Do Fundo do Abismo, II. 63 b
- 82: Dois Aspectos, II. 64 b
- 83: Sábado, II. 88 a
- 87: Os Amantes da Tora, II. 94 b
- 91: O Destino da Alma: II. 96 b

- 94: Sofrimento de Crianças Inocentes, II. 112 b
96: Os Três Aspectos da Alma, II. 141 b
98: Servi ao Senhor com Alegria, II. 165 a
99: As Estrelas, II. 171 a
103: Uma Explicação Alegórica de Jonas, II. 199
- 109: Exílio e Redenção, III. 6 a
112: Como Apresentar-se a Deus, III. 8 a
113: Hinos nos Céus, III. 64 b
115: Comunidade Santa, III. 81 a
116: O Amor de Deus, III. 84 a
118: A Rosa de Saron, III. 107 a
119: A Árvore da Vida, III. 107 a
121: O Significado Oculto da **Tora**: III. 152 a